

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CURSO DE PEDAGOGIA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE SOBRE ESTÁGIO

BRASÍLIA
2011

LETÍCIA FEIJÓ DE OLIVEIRA BAZAGA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE SOBRE ESTÁGIO

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia – Licenciatura – sob orientação da professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial de conclusão de graduação.

BRASÍLIA

2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu marido Diego, pela intensa dedicação, apoio e carinho para a produção deste trabalho, e principalmente pelo encorajamento nos momentos mais difíceis. Por mostrar que o nosso caminho é a gente quem faz, basta querermos. E obrigada por proporcionar os momentos mais felizes de minha vida.

Aos meus pais, Jorge e Marta, por me apoiarem e incentivarem a ingressar na Universidade de Brasília, proporcionando-me dessa forma uns dos momentos mais árduos e felizes de toda minha trajetória escolar, nas quais conheci e conquistei várias amizades das quais nunca irei esquecer. Obrigada pelo imenso carinho e amor durante todos esses anos, e principalmente pelo incentivo de conquistar todos os nossos sonhos.

À minha filha, Giovana, pelo simples fato de existir, e tornar meus dias mais felizes, gratificantes e bonitos. E, por me fazer querer, cada vez mais, ser uma pessoa melhor, pessoalmente e profissionalmente.

Aos meus colegas e amigos da Universidade de Brasília, Pedro, Mariana, Aline, Thays, Tayane Pessoa, por tornarem as minhas manhãs mais alegre e inesquecíveis. Amo muito vocês.

Ao grupo Rejuges: Alessandra, Cris, Simone, Nathália, Ghorque, Aline, Tayane pelos momentos mais produtivos e prazerosos academicamente. Vou sentir muitas saudades das nossas reuniões, já que sorrisos e lágrimas compuseram nossa história.

Aos meus irmãos, Jorginho, Frederico, Renata, Roberta e Rafael, e ainda minhas sobrinhas Bruna e Rafaela, por fazerem parte da minha

vida, tornando-a mais madura e feliz. Obrigada pela existência de vocês e pelas contribuições no meu crescimento. “Amo muito tudo isso!”

Aos meus primos e primas quase irmãos, Cintia, Wesley, Dani, Amanda, Bruno e agregados que me proporcionaram e me proporcionam os momentos mais agradáveis e relaxantes nos meus momentos de lazer.

À professora Maria Zélia, por toda dedicação, empenho e carinho que teve com o grupo Rejuges, e por todas às vezes, que ela puxou nossas orelhas tão “amorosamente”. Porque ao fim, querendo ou não, todos os integrantes do grupo acabaram por amadurecer e evoluir academicamente e pessoalmente. E, principalmente, por proporcionar momentos tão sinceros e belos de amizade durante nossas confraternizações do Rejuges.

Por último, e não menos importante, a minha amiga Tay, por sua amizade tão sincera e leal. Obrigada amiga, pela dedicação, apoio, e pela ajuda inestimável e esclarecimentos tanto nos trabalhos acadêmicos, inclusive esse, como nas questões pessoais. “Te odeio, mas te amo!”

I)– MEMORIAL

Nada consegue descrever a maravilhosa sensação de passar na Universidade de Brasília. A satisfação pessoal, saber que: “sim, você conseguiu!”, que todas as horas de estudo não foram em vão, de uma maneira ou de outra é indescritível. É nessa hora, que você percebe que tudo é possível, se tiver esforço.

Minha trajetória acadêmica na Universidade de Brasília foram as melhores, no que se refere à satisfação pessoal. Nem todas as desilusões que aparecem no decorrer desse caminho, como por exemplo, os professores “picaretas”, as filas imensas do restaurante universitário, as greves que de uma forma ou de outra insistem em aparecer (não sem razão), conseguem apagar ou minimizar os momentos que são vividos nesse espaço. A fome de aprender, de conseguir se ver como pedagogo no futuro, e principalmente, as amizades, são a forma e a fórmula para o êxito nesse caminho acadêmico, às vezes tão árduo. Êxito não como forma de menções, mas como orgulho do caminho percorrido.

A Universidade de Brasília, ou mais especificamente, a Faculdade de Educação, oferece ao universitário a construção do próprio currículo, claro, dentro dos limites estabelecidos pelo curso. A abertura em conhecer um pouco dos vários cursos, e dentro disso, estabelecer relações entre os mesmos e o seu próprio curso, é um dos fatores que mais acho importante dessa instituição.

Essa abertura permite a socialização dos alunos e uma interdisciplinaridade entre os cursos, permitindo ao aluno o desenvolvimento do mesmo, com a cidadania, proporcionando o multiculturalismo e o respeito ao próximo, e acima de tudo, proporciona a troca de experiência entre os alunos. Vista como uma instituição tripé, que oferece aos alunos simultaneamente o ensino, a pesquisa e a extensão visa à formação completa do estudante universitário. Por tudo isso, sinto um orgulho extremo de ter pertencido à essa Universidade.

Ao ingressar, no segundo vestibular de 2007, senti uma grande diferença de didática e método de ensino do tradicional ensino médio. Acostumada a fazer resumos sem refletir sobre os mesmos, e principalmente, a estudar para as tradicionais avaliações escritas, ou provas, senti uma grande dificuldade em me adaptar-me ao “modelo Freiriano” da Faculdade de Educação, onde os debates, os seminários e o diálogo destacam-se como métodos e técnicas de ensino.

Como uma pessoa tímida, participar de debates e seminários era uma grande dificuldade, na verdade ainda é, mas, sem dúvidas, foram os grandes responsáveis pela minha formação profissional, mesmo que muitas vezes, não tenha participado de forma direta dos mesmos.

O curso de Pedagogia, ao mesmo tempo que permitiu uma mudança de valores e crenças, também proporcionou solidificar um pouco mais, outras. Crescida com uma visão extremamente capitalista, aprendi a ver o outro e acreditar no papel essencial da educação e de um dos seus principais protagonistas, o professor.

Depois do choque político e cultural, pude assimilar os conceitos e teorias passadas dentro das salas de aula. E com as quais, pretendo exercer na prática, e forma reflexiva, no ambiente escolar.

RESUMO

O estágio deve propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem, ou seja, é uma forma de complementar a formação escolar constituindo-se como um espaço de saberes e conhecimento. Qual será a principal motivação para o jovem procurar o estágio? Como eles definem esse tipo de atividade remunerada? Qual é a sua importância? Na opinião dos mesmos, o estágio deve ser obrigatório no ensino médio?

Este trabalho tem como objetivo capturar as representações sociais do jovens do ensino médio público do Distrito Federal sobre o estágio. Através do método hipotético-dedutivo, adotou a pesquisa quantitativa. Partiu do pressuposto hipotético que os jovens veem no estágio uma forma de obter sua autonomia financeira e não como uma forma de aprendizagem.

A pesquisa concluiu que os jovens vêem o estágio como uma forma de aprendizagem, principalmente de caráter profissional e atribuem-lhe importância para o futuro ingresso no mercado de trabalho.

Palavras chaves: Estágio. Juventude. Representações Sociais.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iii
I – MEMORIAL	v
RESUMO.....	vii
II – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE SOBRE ESTÁGIO.....	01
INTRODUÇÃO.....	01
1. CAPÍTULO 01 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	03
1.1 Representações sociais.....	03
1.2 Juventude ou juventudes?.....	14
1.2.1 O que é ser jovem no Brasil	16
1.2.2 Os jovens e o trabalho.....	18
1.3 Estágio	20
1.3.1 Estágio – Considerações gerais	20
1.3.2 Conceitos e objetivos do estágio.....	20
1.3.3 Obrigações das partes	22
1.3.4 Jornada de atividades	24
2. CAPÍTULO 02 – MÉTODOS E TÉCNICAS DE ESTUDO	27
2.1 Apresentação	27
2.2 Método	29
2.3 Universo pesquisado	30
2.4 Hipótese da pesquisa	32
2.5 Instrumento da pesquisa	32
3. CAPÍTULO 03 – DADOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA PESQUISA	34
3.1 Perfil da população – dados gerais	34
3.2 Dados sobre o estágio	37
4. CONCLUSÃO	47
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
III – PROJEÇÕES FUTURAS	52
IV – APÊNDICE: QUESTIONÁRIO MISTO	53

II) - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE SOBRE ESTÁGIO

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso tem-se como objetivo capturar as representações sociais dos jovens de ensino médio público sobre o tema estágio. Acredita-se na hipótese central que o jovem vê no estágio uma forma de obter sua autonomia financeira, deixando a aprendizagem como última opção ou importância.

Para conseguir confirmar ou refutar essa hipótese, foi necessário realizar uma pesquisa quantitativa. Pesquisa esta que permitiu demonstrar e mensurar as representações sociais e ao mesmo tempo também permitisse generalizar os resultados obtidos.

Este trabalho foi realizado através do grupo de pesquisa Rejuges (Representações sociais, Juventude e Gestão Escolar). Grupo este originado na Universidade de Brasília, na Faculdade de Educação, que possui um caráter sociológico e tem como enfoque capturar as mais variadas visões acerca do cotidiano escolar, entre outros, tais como a do professor, o da violência escolar, o do projeto político escolar, estágio, identidade nacional, participação política e influência ideológica.

Para tanto foi necessário utilizar o método hipotético-dedutivo. O instrumento utilizado em dez escolas do Distrito Federal, que foram selecionadas pelo maior número de matrículas regulares no ensino médio, foi o questionário misto, que possuía questões gerais, de caráter sócio-econômico e questões específicas acerca do tema.

Esta monografia possui três capítulos. O primeiro aborda a fundamentação teórica do título como as Representações Sociais, sob os olhares críticos e complexos dos maiores teóricos desse tema, que são Émile Durkheim e Serge Moscovici.

O segundo capítulo demonstra o caminho percorrido pelo grupo de pesquisa para a confecção e estruturação desse trabalho. Tais como a hipótese trabalhada, o problema, o método, o instrumento de pesquisa, o objetivo e a delimitação do universo de pesquisa.

O terceiro apresenta o perfil geral do universo pesquisado e ainda as percepções desses jovens do ensino médio sobre o tema específico. Ainda neste capítulo, faz-se uma análise dessas percepções, e como fins didáticos, utilizam-se os gráficos da pesquisa.

Por último tem-se a conclusão, ou uma síntese das descobertas feitas na realização desta pesquisa, levando em consideração o objetivo e as hipóteses enunciadas durante o desenvolvimento do trabalho.

CAPÍTULO 01

1. Fundamentação teórica

1.1 Representações Sociais

As representações sociais são uma forma de conhecimento e, por isso, são produzidas através das interações sociais e da comunicação entre os sujeitos sociais. Portanto, são produtos da sociedade, considerando o contexto sócio-histórico em que são criadas e estruturadas.

Como forma de expandir o conhecimento e, ao mesmo tempo, buscar o equilíbrio ou a ordem de uma sociedade, os indivíduos, ao longo da história da humanidade, principalmente como forma de sobrevivência, criam instituições e organizações que tem como características centrais a coletividade e o compartilhamento de regras comuns, que tem como objetivo final a cooptação e a ordem por meio do controle social dos sujeitos que estão inseridos nessas instituições.

Como resultado da comunicação e da interação presente nas instituições dá-se a criação dos laços sociais. Laços esses, que dão coesão, unificação e identidade à sociedade. De acordo com Durkheim (1994), para que se forme um laço social é necessário um modelo de ordem na mente dos indivíduos. Essa ordem social possui um cunho cognitivo e social. Como assinala o autor:

(...) a vida social se move num círculo. Por um lado, o indivíduo deve à sociedade o melhor de si mesmo, tudo o que lhe dá uma fisionomia e um lugar à parte entre os outros seres, sua cultura intelectual e moral. Se do homem forem retiradas a linguagem, as ciências, as artes, as crenças da moral, ele cairá no nível da animalidade. Os atributos característicos da natureza humana nos vêm, portanto, da sociedade. Mas, por outro lado, a sociedade só existe e só vive nos e através dos indivíduos. Se a idéia da sociedade se extinguir nos espíritos individuais, se as crenças, as tradições e as aspirações da coletividade deixarem de ser sentidas e partilhadas pelos particulares, a sociedade morrerá. Pode-se dizer dela, portanto, o que se dizia mais acima da divindade: ela só tem realidade na

medida em que ocupa o lugar nas consciências humanas, e esse lugar somos nós que lhe damos. (DURKHEIM, 1996, p.374)

Portanto, é essa ordem social, ou seja, as tradições, crenças e aspirações da coletividade, que permitem que a sociedade seja coesa e unificada. Por isso, para que uma ordem social se perpetue é necessário que haja uma moral claramente constituída, que se imponha a todos. Essa moral não se apresenta como um código de deveres ou uma obrigação, mas sim como um ideal que cativa a todos os indivíduos da sociedade.

Tal ideal é tão complexo e poderoso, que acaba por exercer uma grande atração sobre seus membros, de forma a regular o comportamento dos indivíduos. Deve-se esclarecer que o comportamento ou a conduta desses sujeitos não são orientadas apenas pela satisfação dos interesses individuais, mas também, e principalmente, pelos interesses coletivos. Esse cunho coletivo é tão intenso, que, como forma de integração à um grupo ou à uma sociedade, os indivíduos fazem sacrifícios e renúncias em nome desse ideal.

Apesar desse ideal ser de caráter coletivo, cabendo a cada indivíduo preenchê-lo a sua maneira, marcando-o com sua individualidade, é através desse ideal que comungam todos os homens de um mesmo grupo, constituindo assim, sua unidade moral.

Dessa forma, todas as práticas mentais que têm origem na sociedade, como por exemplo, o pensamento primitivo, o senso comum e a ciência, que de alguma forma ou de outra, são representadas no seio da sociedade e, que possibilitam às pessoas viverem, estão encarnadas e estruturadas em instituições específicas e são adotadas pelos indivíduos que são parte delas. Portanto, todas as formas de crenças, ideologias, conhecimento, incluindo até mesmo a ciência, são, de um modo ou outro, representações sociais e dominam toda a nossa vida intelectual.

Dessa maneira, deve-se compreender que os conhecimentos são transformados em valores e crenças comuns, que unem os indivíduos de tal maneira que criam um sentimento de pertencimento e de identidade.

Levando em consideração que a comunicação é o instrumento essencial no processo das representações sociais, pode-se afirmar que é através dessa que as representações são estruturadas e transformadas. Portanto, constituem a realidade cotidiana, pois são o meio que utilizamos para fazer associações com as quais nós nos aproximamos ou distanciamos uns dos outros. Ou seja, é por meio da comunicação que partilhamos o conhecimento, as experiências, os valores, definindo, dessa forma, nosso comportamento, crenças e atitudes diante da sociedade.

As representações sociais são sempre derivadas de um pensamento já existente, formando assim um sistema de crenças baseados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Ao serem analisadas, por exemplo, analisam-se representações de representações, já que essas representações são sempre re-pensadas e re-apresentadas.

Deve-se considerar que a memória mental dos indivíduos, ou até mesmo a memória coletiva é um curso contínuo de representações, e estas acabam perpetuando-se. As representações sociais agem como uma forma irresistível sobre os indivíduos, portanto, elas são impostas e são independentes da vontade dos indivíduos.

Tais representações não são derivadas apenas em questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou pré-concepções. Nesse sentido, compreende-se que, a linguagem é uma ferramenta essencial para que haja representações sociais.

Além do mais, na maioria das vezes, os indivíduos não possuem consciência da existência das mesmas. Já que as representações sociais não são a realidade em si, mas sim, representações dela. Porém, através de um esforço intelectual, os indivíduos podem tornar-se conscientes da realidade e escapar de algumas exigências e imposições que as representações acabam por exercer em seus pensamentos e percepções.

Ainda segundo Durkheim (1996), a invisibilidade das representações sociais não resulta da falta de informação, mas sim, de uma visão da realidade. Pois, é a

classificação que os grupos sociais têm dos objetos e das pessoas que faz delas visíveis ou invisíveis. Assim, pode-se levar da aparência à realidade através de alguma imagem.

As representações sociais são dinâmicas e, cada novo fenômeno deve ser reincorporado dentro de modelos que já são aceitáveis e familiares a uma sociedade. Para uma melhor aceitação e adaptação de novos fenômenos ou representações, há de se compreender que de forma inerente à sociedade, tem-se o vínculo social. É através desse vínculo que há comunicação, e é por meio da comunicação que os indivíduos são capazes de se orientar e se adaptar aos novos fenômenos ou representações. Ou seja, é através das representações, constructo essencialmente coletivo, já existentes e consolidadas, que os indivíduos conseguem classificar e atribuir significados às novas representações, já que procuram na memória mental categorias e significados mais adequados à esses elementos estranhos. Enfim, a motivação para a criação de representações sociais é a tentativa de construir uma ponte entre o estranho e o familiar.

Portanto, as representações sociais têm como objetivo, capturar sentido do mundo, de forma que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Assim, “*A representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem.*” (MOSCOVICI, 2003, p. 46)

Essencialmente, as representações são propriedades autônomas, pois, aos serem criadas, adquirem uma vida própria, circulam, encontram-se, repelem-se e se atraem, dando dessa forma, oportunidade de surgimentos de novas representações. (MOSCOVICI, 2003).

Para Durkheim (1996), apesar de o indivíduo calcular o que melhor atende seus interesses e agir de acordo com isso, seus pensamentos de um modo geral são derivados da sociedade. E, são esses produtos de pensamentos, que sofrem transformações no decorrer do tempo, e que são transmitidos de uma geração a outra. Essa informação ressalta o caráter coletivo em que as representações sociais são elaboradas e estruturadas.

Assim, as representações são criadas socialmente, nunca isoladamente, e são capazes de influenciar o comportamento do indivíduo que está inserido na coletividade. Pois, apesar de criadas internamente, o coletivo predomina sobre o pensamento individual.

Enfim, o que caracteriza as representações sociais são as interações humanas. Pode-se exemplificar essa teoria da seguinte maneira:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seus saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo, encontra-se, portanto, como que concentrada aí. (DURKHEIM, 1996, p. XXIII)

Sintetizando, as representações possuem duas funções: *ancorar* e *objetivar* pessoas, objetos ou acontecimentos. Dessa forma, as representações acomodam objetos, pessoas ou acontecimentos de acordo com normas, padrões e valores convencionais que encontram na sociedade, dando-lhes um valor e significado, e através deste significado as acomodam em determinada categoria e aos poucos as definem como um determinado tipo, e assim, o resultado desse processo passa a ser compartilhado com determinados grupos de pessoas, e através da comunicação, é difundido e estruturado na sociedade. Portanto, todos os novos elementos que aparecem, juntam-se a um modelo pré-estabelecido e sintetizam-se nele.

Segundo Moscovici (2007), quando não se encontra um modelo adequado à objetos ou pessoas, os indivíduos os forçam a assumir determinada forma, para adequar-se em determinada categoria, e não ocorra o risco de não ser compreendido e decodificado. Portanto, tenta-se ao máximo, não deixar os objetos ou pessoas sem ser caracterizados e identificados. Uma vez identificados e aceitos em alguma categoria, eles se constituem como parte inerente aos indivíduos. Para Moscovici (2003, pg. 54), “(...) a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade.

Como já descrito mais acima, os objetos, acontecimentos e pessoas são percebidas e concebidas em relação aos paradigmas já existentes. Portanto, a memória coletiva (valores, crenças e conhecimentos que passam de geração em geração) é usada para avaliar o que não é familiar, ou seja, o que é anormal ou sem sentido. O sentimento de não familiaridade acontece, principalmente, quando as convenções são modificadas, passando, dessa forma, a ameaçar a ordem estabelecida. Esse mal-estar para com a presença real de algo anormal intriga as pessoas e a comunidade, e obriga a tornar o incomum em algo comum, em que o desconhecido é incluído em uma categoria já existente, baseado em memórias passadas. Dessa maneira, o que parecia ofensivo, torna-se um processo comum e normal.

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamento, o que está longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal. Ao criá-los, porém, não estamos sempre mais ou menos conscientes de nossas intenções, pois as imagens e idéias com as quais nós compreendemos o não usual (incomum) apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual nós já estávamos familiarizados há tempo e que, por isso, nos dá uma impressão segura de algo “já visto” (*déjà vu*) e já conhecido (*déjà connu*). (MOSCOVICI, 2003, p. 58)

O processo de familiarização acontece através de dois mecanismos de um processo de pensamento baseado em conclusões pré-existentes. O primeiro mecanismo ancora idéias incomuns, colocando-as em categorias e a imagens comuns, pondo-as em um contexto familiar. O segundo mecanismo caracteriza-se por objetivá-los, “(...) isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico.” (MOSCOVICI, 2003, p. 61)

Para que se compreenda melhor o fenômeno das representações sociais, é necessário aprofundar nesses dois mecanismos. Pode-se dizer que ancoragem é um processo baseado nas categorias de pensamento, que utilizamos, para compará-las ao estranho, a algo perturbador, que nos intriga. Dessa forma, ao

comparar com os paradigmas já existentes, o algo estranho adquire características dessa categoria, sendo reajustado para essa categoria. Ou seja, *“Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa.”* (MOSCOVICI, 2003, p.61)

Então, ao dar nome ao que antes era estranho, os indivíduos são capazes de representá-lo. Deve-se deixar claro, que a nomeação e a classificação não é um processo neutro, pois sempre dá-se a um valor negativo ou positivo de acordo com os velhos paradigmas dos grupos sociais.

Entende-se como classificar algo, quando o limitamos a um conjunto de comportamentos e regras que definem o que é aceito e o que não é aceito em relação a todos os indivíduos pertencentes à mesma classe. Portanto, ao categorizar algo ou alguém, definimos um padrão de comportamento estocado em nossa memória, selecionando as características que mais representam esse padrão e, assim, fazemos uma relação positiva ou negativa com esse padrão. Ou seja, é inevitável que ao classificarmos, fazemos comparações com um protótipo e, além de tudo, é inviável que classifiquemos sem dar nomes. Portanto, ao nomear algo, o colocamos na matriz de identidade da nossa cultura.

Porém, o que ainda não foi nomeado, o anônimo, não pode ser facilmente ligado a outras imagens. Encontrado no mundo da confusão e da incerteza. Por isso, que ao ser familiarizado, o vocabulário ancora no vocabulário do senso comum, tornando-se socializado. Enfim, é dada uma identidade social ao que não tinha identificação. Indo mais além, deve-se esclarecer que dar nome não é uma operação intelectual, mas sim, uma operação relacionada com uma atitude social.

Pode-se afirmar, que o objetivo principal de classificação e nomeação é na realidade, formar opiniões, de acordo com a interpretação que as pessoas possuem de seu mundo. Por isso, sempre que olhamos o estranho tentamos o integrar ao que já conhecemos.

A objetivação tem como finalidade de associar o não-familiar com a realidade. Dessa forma, pega um conceito que primeiramente é intelectual, imaginária e a transforma

em algo real, palpável, ou seja, em uma imagem. Pode-se sintetizar esse processo de objetivação e ancoragem na seguinte citação.

É dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não-familiar, com suas seqüentes ansiedades. As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais. Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2007, p.78)

De acordo com Moscovici, como forma de compreender os outros e a si mesmo, imagens são selecionadas e integradas ao nosso *núcleo figurativo*, que este por sua vez, é composto de valores, crenças e imagens preexistentes. De forma inconsciente, sem poder de optar, esse núcleo figurativo passa a ser utilizado no nosso cotidiano, e no decorrer do tempo, quando paramos de distinguir a imagem selecionada com a realidade, ou seja, quando a própria imagem passar a ser a própria realidade e não elementos intelectuais, é quando as representações são objetivadas.

É necessário compreender que cada cultura possui a sua maneira de transformar as representações em realidade.

Nenhuma cultura, contudo, possui um instrumento único, exclusivo. E devido ao fato de que o nosso instrumento está relacionado com os objetos, ele nos encoraja a objetivar tudo o que encontramos. Nós personificamos, indiscriminadamente, sentimentos, classes sociais, os grandes poderes, e quando nós escrevemos, nós personificamos a cultura, pois é a própria linguagem que nos possibilita fazer isso. (MOSCOVICI, 2007, p.76)

Dentro de qualquer cultura há pontos de tensão e é através destas tensões que novas representações emergem. Diferentes grupos sociais procuram estruturar diferentes tipos de comunicação, cada uma dessas formas procura ampliar sua

influência na construção duma representação específica e cada uma delas reivindicando sua legitimação, pois a representação é empregada para agir no mundo e nos outros, e ao mesmo tempo, é resultado da ação coletiva do homem no mundo. Portanto, a influência é sempre dirigida à sustentação, ou à mudança, das representações. Entretanto, é necessário compreender que as mudanças das representações sociais são mais rápidas quando não estão tão profundamente enraizadas no núcleo sagrado. Pois, quanto mais próximo do núcleo sagrado, mais difícil ou maior é a resistência das representações.

Para que as representações sociais se perpetuem é necessário um conjunto de práticas rituais que tem por função regular e organizar. Como forma de manter vivos os valores, crenças e tradições estabelecidas na sociedade, é necessária a reunião dos homens, em que estes procuram revivificar de algum modo, os sentimentos e pensamentos dos quais compartilham. Nessas ocasiões, o sagrado é reforçado, *“Comungam, pois, com o principio sagrado que nele reside e o assimilam.”* (DURKHEIM, 1996, p. 362).

Infelizmente, todas as forças, mesmo as mais espirituais, desgastam-se no tempo, se nada vier repor a energia que perdem no curso natural das coisas: temos aí uma necessidade primordial que, como vimos, é a razão profunda ritos ou reunião dos homens de uma determinada instituição. Como ocorre no culto positivo, onde os membros de um totem só podem, portanto, manter sua identidade se tornarem a vivificar o principio totêmico que se encontra dentro deles.

Conclui-se que as representações são conceitos que foram criados pelo coletivo, e esses conceitos embora seja imaterial, assume uma força tal que o torna real. As representações estruturam o real da mesma forma que o exprimem, e seria inútil opor este a aquelas, igualmente reais. Sendo assim, todas as representações sociais são racionais. Racionais por serem gerados na coletividade, com conceitos restritos, conceitos que são partilhados, esses conceitos variam dependendo da cultura a que pertencemos.

Pode-se afirmar, que ao classificar as coisas, reais ou ideais, há duas classes antagônicas, em dois gêneros opostos, designados em dois termos por Durkheim, o sagrado e o profano, ou por Moscovici, universo reificado e universo consensual.

No universo consensual ou na classe profana, a sociedade é uma criação visível, contínua e permeada com sentido e finalidade, e o ser humano é a medida de todas as coisas. Essa sociedade é vista como um grupo de pessoas livres e iguais, em que cada indivíduo pode falar em nome do grupo. Seu papel essencial são os discursos. Com isso pode-se sintetizar esse conceito no seguinte trecho de Moscovici (2007):

Em longo prazo, a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorrência, uma base comum de significância entre seus praticantes. As regras dessa arte mantêm todo um complexo de ambigüidade e convenções, sem o qual a vida social não poderia existir. Elas capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e idéias que são consideradas certas e mutuamente aceitas. O pensar é feito em voz alta. Ele se torna uma atividade ruidosa, pública, que solida o grupo, enquanto comunica a característica que cada membro exigem dele. (MOSCOVICI, 2003, p. 51)

No universo reificado, ou sagrado, a sociedade é transformada em um sistema de entidades que são indiferentes à individualidade. Diferentemente do universo consensual, nesse universo, a sociedade é vista “(...) *como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito.* (MOSCOVICI, 2003, p. 51). Ou seja, nesse universo, há um comportamento adequado para cada contexto social. Onde têm-se apenas um representante apto a falar por todos, como por exemplo, em uma igreja, onde a liderança institucional é vista como apta para difundir as idéias da doutrina. Com o objetivo de manter ou reascender alguns aspectos mentais e comportamentais dos grupos específicos, há de se elaborar alguns ritos ou reuniões, como por exemplo, a igreja.

Há uma interação bastante complexa e contraditória entre o universo reificado ou sagrado e universo consensual ou profano. Tomando como exemplo o culto positivo que Durkheim (1996) descreve em seu livro *As formas elementares da vida religiosa*.

Mas, em primeiro lugar, não há culto positivo que não se mova nessa contradição. Todos os seres sagrados, em razão do caráter que possuem, são subtraídos ao acesso profano; mas, por outro lado, eles de nada serviriam e não teriam razão de ser se não pusessem em contato com esses mesmos fieis que, ao mesmo tempo, devem permanecer respeitosamente afastados deles. Não há rito positivo que, no fundo não constitua um verdadeiro sacrilégio, pois o homem não se pode comerciar com os seres sagrados sem atravessar a barreira que, normalmente, deve mantê-los separados. (...) A série de cerimônias tem por efeito, santificar progressivamente aqueles que participaram ativamente delas. Foi um período essencialmente religioso que eles no puderam atravessar sem que seu estado religioso se transformasse. E que os coloca, sem profanação chocante e perigosa, frente a esse alimento desejado e temido que, em tempos normais lhes será interdito. (DURKHEIM, 1996, p. 363)

Portanto, o sagrado depende do homem, sem as reuniões ou rituais, o sagrado deixaria de existir, e sob outro aspecto, é o sagrado que dá sentido de vida aos homens. Então, esse círculo é criado regularmente. Em síntese, tais ideais não são rapidamente debilitados por serem periodicamente revivificados. Daí a utilidade das festas, cerimônias públicas etc., como forma de fazer os indivíduos dividirem uma mesma vida intelectual e moral.

Mesmo o sagrado que possui uma forma material depende do pensamento de seus homens, pois o caráter sagrado é justamente alcançado pela crença. Conclui-se então, que a única maneira de rejuvenescer as representações sociais do sagrado é colocá-las nos grupos reunidos. O simples fato de estarem reunidos permitem-lhes um reconforto mútuo, permitindo voltar as mesmas condições em que as representações nasceram primitivamente, dando assim, através dessa reunião, a restauração de todas as crenças comuns que esse grupo possuía. Então, *“A sociedade não pode reascender o sentimento que tem de si mesma a menos que se reúna.”* (DURKHEIM, 1996, p. 377).

Para que os seres sagrados, uma vez concebidos, não tivessem necessidade dos homens para durar, seria preciso, portanto, que as representações que os exprimem permanecessem sempre idênticas a si mesmas. Com efeito, é na vida em grupo que tais representações se formam, e a vida em grupo é essencialmente intermitente. Elas participam, assim, necessariamente, da mesma intermitência. Atingem seu máximo de intensidade no momento em

que os indivíduos estão reunidos e em relações imediatas uns com os outros, em que todos comungam uma mesma idéia ou um mesmo sentimento. Mas assim que a assembléia se dissolveu e cada um retomou sua existência própria, elas perdem progressivamente sua energia primeira. Cobertos pouco a pouco pela maré montante das sensações cotidianas, acabariam por submergir no inconsciente, se não encontrássemos um meio de trazê-las de volta a consciência e de revivificá-las. Ora, essas representações não podem se debilitar sem que os seres sagrados percam sua realidade, uma vez que eles só existem nelas e através delas. (DURKHEIM, 1996, p. 371-372)

É importante destacar que representação social não é ideologia, pois toda ideologia falseia a realidade. Ou seja, quando a representação deixa de condizer com a realidade ou contradiz com os fatos reais, ela deixa de ser representação e passa a ser ideologia. Como já dito, as representações sociais são o reflexo da realidade.

1.2 Juventude ou juventudes?

Para iniciar esse trabalho, é indispensável que se compreenda que ao conceituar juventude, fala-se na verdade de juventudes, ou seja, não existe apenas uma juventude, uma juventude homogênea, mas sim juventudes, conceito este criado socialmente e que possui um caráter heterogêneo, pois engloba não apenas as singularidades, mas também as diferenças e especificidades desse segmento, como a etnia, gênero e classe. Assim, deve-se considerar o multiculturalismo que se encontra neste país, ao se falar de juventude.

Pode-se dizer, portanto, que a juventude é um momento de transição da infância para a maturidade, e um momento de socialização, quando os indivíduos acabam por integrar-se à sociedade através das regras, valores, normas e comportamentos apropriados para sua inserção e integração na sociedade, principalmente quando se refere à aquisição e desenvolvimento do seu papel social na sociedade, ou seja, seu papel funcional para com a sociedade. *“Trabalhos recentes enfatizam o processo social de passagem ou entrada na vida adulta, caracterizada, grosso modo, por quatro marcos: o término dos estudos, o início da vida profissional, a saída da casa dos pais e o início da vida conjugal.”* (GALLAND, 1997 apud GODOY, 2007, p. 24).

Portanto, a juventude não se limita a definições de idade e, acaba por coincidir com a cultura, tempo e espaço. Através desse contexto sócio-histórico, esse segmento elabora sua identidade das mais diversas maneiras, que podem ser visualizadas nos estilos de roupa, de cabelo, dos gostos musicais etc. Enfim, a juventude vai além de uma condição biológica, passando a ser simbólica, porque assume características que são culturalmente estabelecidas para sua identificação. *“Estilos de roupas, gêneros musicais, participação em grupos, funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para outros.”* (MERLUCCI, 1996, p. 09).

Sintetizando sobre a concepção de juventude, pode-se defini-la como:

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo conseqüências para ele próprio e para a manutenção da coesão social. (ABRAMO, 1997, p. 29)

Portanto, ao analisar as juventudes como um conceito sócio histórico, pode-se afirmar que as suas características modificam-se de acordo com a época em que são estudadas. Portanto, essa categoria possui diferentes olhares. Nos anos 60, a juventude era vista como idealista, generosa, criativa e preocupada em transformar a sociedade, em contrapartida, quando comparada às características dessa mesma categoria nos anos 80, pode-se notar que o individualismo, o consumismo, conservadorismo e a apatia quanto aos assuntos políticos e sociais parecem caracterizá-la, pelas pesquisas recentes (ABRAMO, 1997). Já nos anos 90, o retrato

dessa juventude eram de jovens mais engajados nas questões coletivas, como por exemplo, em fatos políticos, e individuais.

Por tratar-se de um conceito tão heterogêneo e complexo, não sendo possível conceituar esse segmento de uma única forma, o projeto Rejuges estabeleceu alguns critérios para o estudo dessa categoria nesse trabalho. Portanto, foi delimitado que a faixa etária estudada seria de 14 a 24 anos, que estariam inseridos no ensino médio de escolas públicas do Distrito Federal. O grupo escolheu essa faixa etária baseando-se principalmente na inserção no ciclo juvenil brasileiro. Já que os jovens brasileiros têm que assumir algumas características da transição da infância para a maturidade, cada vez mais cedo, como por exemplo, a entrada no mercado de trabalho.

1.2.1 - O que é ser jovem no Brasil

É na juventude que procuramos nossa construção de alguns elementos de nossa identidade, e a busca pela autonomia. Parte dessa identidade que construímos está relacionada com a nossa reprodução social. É por isso que se faz necessário relatar alguns aspectos fundamentais para entender o que é ser jovem no Brasil, como por exemplo, a relação jovem e trabalho, jovens rurais, jovem e drogas, e enfim, uma questão que vem sendo muito debatida na sociedade, que é o que é ser jovem negro no Brasil. Entender esses processos significa ao menos entender que se refere a juventudes, e não à juventude.

Os dados que serão relatados foram retirados do livro *Retratos da juventude brasileira*, que foi elaborado com o objetivo de permitir um melhor entendimento sobre a juventude brasileira, por meio de estudos estatísticos nacionais que mostrassem resultados segundo as características regionais, tendo o intuito de respeitar a diversidade de temas e as características culturais e sócio-demográficas que qualificam a juventude do nosso país

Os dados mostram um grande crescimento do acesso à escola pela juventude. Esse significativo crescimento começou na década de 90, juntamente com uma crise econômica, ocasionando sérias conseqüências; tais como: crescimento das desigualdades, e aumento do desemprego. Pode-se dizer que esse significativo crescimento não foi gerado de maneira qualificativa e ordenada.

A pesquisa mostrou que as maiores diferenças estão entre os jovens que moram na cidade e no campo. Em que 65 % dos jovens no centro urbano, estudam. E 55% dos jovens encontrados na zona rural, são estudantes.

Considerando a variável *etnia* é mostrado que os branco atingem 64% entre os que estudam, os pardos 62%, os negros 62%, os orientais 78% e os indígenas 65%.

Duas variáveis a serem consideradas no acesso à escola são idade e gênero. Entre os homens, 91% do que possuem de 15 a 17 anos frequentam a escola, e no caso das mulheres, 88%. Na idade de 18 a 20 anos 64% dos homens freqüentam a instituição escolar, e 61% das mulheres as frequentam. O que se pode concluir desses dados é que há sempre menos mulheres frequentando a escola, independentemente de suas faixas etárias.

Pode-se constatar que a recente expansão da educação escolar, principalmente, no ensino fundamental, provocou aumento nos níveis de escolaridade da população jovem. Ainda incluído o nível de escolaridade, é possível notar que as mulheres chegam perto dos homens no ensino superior. Porquanto, percebe-se que os negros e pardos têm pouquíssimo acesso ao ensino superior, e menores níveis de escolaridade, se comparado aos brancos.

E ainda 76% dos jovens estão relacionados com trabalho, sejam porque estavam trabalhando ou estavam desempregados. Em relação ao trabalho, *“Não há uma relação linear entre a elevação do nível de escolaridade da população jovem e o emprego”* (SPOSITO, 2008, p.104)

Ao analisar o gênero nas relações com escola e trabalho, as mulheres jovens são mais afetadas pelo desemprego que os homens, e a frequência à escola decresce com a idade mais que aos homens.

Outro dado essencial para conhecermos a realidade da sociedade brasileira é a de concentração de renda, mostrando que apenas 18% dos jovens brancos possuem renda familiar com mais de 5 salários mínimos, decrescendo ainda mais para os jovens pardos e negros (12% e 8%)

1.2.2 - Os jovens e o trabalho

No Brasil, muitas vezes precocemente, o jovem necessita de se inserir no mercado de trabalho. É por fazer parte do cotidiano de muitos jovens, considerando que o trabalho é uma atividade social necessária a qualquer cidadão, que se faz imprescindível compreender como se dá a relação jovem - trabalho e no que isso implica no desenvolvimento deste segmento, como por exemplo, expectativas para o futuro e, principalmente, quais são suas representações acerca desse tema.

Leão (2007) demonstra em seu artigo *Trabalho e desemprego entre os jovens: desafio para as políticas públicas* que essa experiência de trabalho tem sido, em sua maioria, negativa. Já que o trabalho tem sido mercado pela sua falta, quando não pela sua precariedade. Ainda de acordo com essa pesquisa, os jovens consideram que a função que desempenham não possui relação com o que estudam ou estudaram.

Com dados retirados do relatório Tendências globais de emprego para a juventude 2004 da Organização Internacional do Trabalho, no livro *Retratos da Juventude Brasileira*, verifica-se que houve crescimento de 10,5% da população mundial de jovens de 15 a 24 anos, enquanto a oferta de emprego para essa população foi de apenas 0,2%. Mostrando assim, as falhas e os limites do mercado de trabalho no Brasil para a população juvenil. Segundo os últimos resultados da Pesquisa Mensal de Emprego - PME, divulgados pela Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, que se encontram também no livro *Retratos da Juventude Brasileira*, a população juvenil possui três vezes mais desempregados do que os adultos.

Segundo Branco (2008), pode-se notar que a maioria dos jovens ocupa posições de baixa qualidade e menor remuneração. Muitas vezes comprometendo sua formação escolar ou mesmo desistindo desta.

Os indicadores disponíveis demonstram que se o jovem apenas se dedicasse à escolarização e à aprendizagem profissional, adiando o ingresso no mercado de trabalho, as taxas de desemprego cairiam, além do que esses jovens se preparariam de uma melhor forma para o mercado de trabalho.

Essa procura incessante pelo emprego se dá tanto nos casos em que o indivíduo precisa do emprego para satisfazer suas necessidades básicas como para a obtenção de autonomia. Os jovens tentam conciliar a responsabilidade de trabalhar com as atividades ligadas à cultura, lazer e educação.

O mercado de trabalho restringe-se mais ainda para aqueles jovens que não têm ou possuem pouca experiência de trabalho e, que possuem escolaridade inferior à requerida. Outro fator que impulsiona os jovens precocemente ao mercado de trabalho, é quando são advindos de famílias de baixa renda.

Por quê o trabalho acaba por assumir um papel tão importante na vida desses jovens, mesmo sabendo das dificuldades que encontram para se inserirem e para se manterem no mercado de trabalho? Justamente, porque esse segmento reconhece que o trabalho é um elemento necessário para seu desenvolvimento como cidadão, pela experiência ou até mesmo pela inexperiência, passando a reconhecer e a elaborar sua identidade, principalmente no que se refere à sua autonomia, tanto pessoal como financeira.

Assim, estar empregado é uma condição para a realização dos projetos pessoais e isso toma uma relevância muito grande para todos. Ao mesmo tempo, outros sentidos para o trabalho se fazem também presentes entre esses jovens como a independência pessoal, o sentido de dignidade ou como fonte de realização pessoal. (LEÃO, 2007, p. 39)

1.3 - Estágio

1.3.1 - Estágio – considerações gerais

O trabalho é ao mesmo tempo uma necessidade vital, uma obrigação social e um dever moral, cuja contrapartida é o status social que ele confere e a satisfação pessoal que proporciona. O trabalho tem uma dimensão instrumental (ganhar a vida) mas, apesar de seu caráter penoso, ele comporta também uma forte dimensão expressiva (realizar-se social e pessoalmente). Ao lado do salário, que é um critério importante que justifica as mudanças de empresa, trata-se “*gostar do trabalho*”, “*de se sentir bem*” e “*de estar num bom ambiente*”. (BAJOIT, 1997, p.79)

O trabalho, principalmente no caso do estágio, acaba por proporcionar uma experiência muito significativa. Pois, permite ao indivíduo ou educando, a compreensão e apreensão de vários aspectos que fazem parte do mundo do trabalho, tais como a capacidade de tomar iniciativas, de se expressar e a de se relacionar, além da satisfação pessoal, e muitas vezes, do aumento da auto-estima.

Para o estagiário, quase sempre, há um crescimento individual e social maior do que na aquisição de conhecimento numa habilidade específica, portanto, as características citadas no parágrafo anterior, de alguma forma ajudam no interesse de continuar os estudos, como por exemplo, o ingresso no ensino superior ou a procura por cursos profissionalizantes

1.3.2 - Conceito e objetivos do estágio

Como forma de propiciar uma vivência mais rica e fiel ao cotidiano do trabalho, tornando a teoria apreendida e compreendida nas instituições de ensino em prática, e ainda como forma de buscar uma melhoria na qualidade do mercado de trabalho, originou-se a nova lei do estágio, lei número 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Essa mesma lei define o estágio como um ato educativo que deverá ser supervisionado em um ambiente de trabalho. Pode-se dizer que o estágio é uma espécie de iniciação ao trabalho produtivo, que tem como objetivo, complementar os estudos. Contemplando o desenvolvimento do estudante para o trabalho, e principalmente como forma de desenvolver de forma plena a cidadania.

Sendo assim, o público-alvo de ato educativo, são os alunos de ensino regular de educação superior, de ensino médio, dos anos finais do ensino fundamental, de educação profissional e ainda alunos que estão inseridos na modalidade de Educação de jovens e adultos - EJA.

O estágio pode ser obrigatório ou não, dependerá da modalidade e área de ensino, e também do projeto do curso da instituição. O estágio obrigatório é um ato imprescindível para a obtenção do diploma, seja na educação superior ou na formação profissional. Ao contrário da obrigatoriedade, tornando o estágio como pré-requisito para a conclusão do curso, o estágio não obrigatório possui caráter opcional, que é acrescida à carga horária regular ou não.

Apesar da iniciação e inserção no mercado de trabalho, é necessário deixar claro que o estágio não produz vínculo empregatício. Como já dito anteriormente, o estágio é um ato educativo, que tem como requisito a matrícula e a frequência regular dos estudantes.

De forma a garantir os direitos sociais, tanto do empregador, como dos estagiários, é necessário a celebração de um termo de compromisso entre o educando, o empregador e ainda a instituição de ensino. Com o objetivo de evitar o abuso do empregador com o estagiário, e da mesma forma, não prejudicar a instituição empregadora, há de se ter no termo de compromisso, as atividades que deverão ser desenvolvidas pelo estagiário. Assim, o estágio terá a obrigação de realizar todas as atividades que, se encontra no termo, e o empregador deverá exigir do educando, apenas o que lhe permite, instituído também pelo termo.

Qualquer descumprimento do mesmo, poderá implicar a caracterização de um vínculo empregatício, permitindo ao educando e ao empregador o direito a todos os fins estabelecidos pela legislação trabalhista e previdenciária. “A *instituição privada ou pública que reincidir na irregularidade de que trata este artigo ficará impedida de receber estagiários por 2 (dois) anos, contados da data da decisão definitiva do processo administrativo correspondente*”. (BRASIL, Art. 15, 2008)

Ainda como forma de evitar o abuso das partes concedentes com os educandos, que procuram nos mesmos, uma forma de mão-de-obra mais barata, a nova legislação do estágio estabelece um número máximo de estagiários. Esse número deverá ser relacionado ao quadro de empregados dessa empresa, e segue à seguintes proporções:

QUADRO 01 – RELAÇÃO EMPREGADOS-ESTAGIÁRIOS

Número de empregados	Número de estagiários
De 01 a 05	1
De 06 a 10	até 02
De 11 a 25	até 05
Acima de 25	até 20% de estagiários

Organização a partir das determinações da lei n. 11.788/2008, art. 17.

Tratando-se de um ato educativo, ao estagiar, o educando deverá ter um acompanhamento efetivo pelo supervisor da instituição empregadora, assim como do professor orientador da instituição de ensino.

1.3.3 – Obrigações das partes

A lei n. 11.788/2008 estabelece obrigações às partes envolvidas no estágio escolar, quais sejam: escola, empresa, alunos.

Com relação aos deveres da instituição educacional para com o estágio, a referente lei (art. 7) estabelece que é responsabilidade realizar o termo de compromisso com o educando ou com seu representante legal, no caso de o estudante ser considerado legalmente incapaz, e com a parte concedente, de forma a esclarecer as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, ao horário, ao calendário escolar e à etapa e modalidade da formação escolar do educando. É responsabilidade da escola avaliar as instalações da instituição empresarial e sua adequação à formação profissional e cultural do estudante.

Para tanto, é necessário que a instituição de ensino, indique um professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, que ficará responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário.

Como instrumento de avaliação e acompanhamento, o professor orientador poderá exigir do educando relatório de atividades.

Em caso de descumprimento do termo de compromisso, o estagiário poderá ser reorientado para outro local. Portanto, é de extrema importância, que a instituição zele pelo cumprimento deste termo.

Cabe ainda à instituição educacional a elaboração de instrumentos de avaliação e normas complementares dos estágios.

De forma a respeitar o horário e o calendário escolar, é necessário que a instituição escolar comunique à parte concedente do estágio, o início de seu período letivo, e também, as datas das avaliações escolares ou acadêmicas.

A mesma Lei determina à instituição empresarial que esta zele pelo cumprimento do termo de compromisso, estabelecido entre a instituição de ensino, o educando e a empresa.

Para tanto, é necessário que a empresa ofereça instalações que proporcionem, aos estudantes, atividades de aprendizagem profissional, cultural e social; assim como indicar um funcionário, com formação ou experiência na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário. Esse profissional supervisionará e orientará até (dez) 10 estagiários ao mesmo tempo.

Cabe à instituição empresarial, contratar seguro contra acidentes pessoais a favor do estagiário, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, o que deve ser estabelecido no termo de compromisso.

A instituição empresarial deverá também enviar à instituição de ensino, com periodicidade mínima de 06 (meses), o relatório de atividades, e manter disponível a fiscalização, documentos que comprovem a relação de estágio.

Quando o estagiário é desligado, a empresa deverá entregar um termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, da avaliação de desempenho e dos períodos em que foram realizados à instituição educacional.

1.3.4 - Jornada de atividades

Apesar da jornada de atividade ser definida em comum acordo entre a instituição de ensino, o estagiário e a instituição de ensino, a mesma deverá respeitar as seguintes condições:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

§ 1º O estágio relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no projeto pedagógico do curso e da instituição de ensino.

O estágio deverá ser compatível com as atividades escolares, por isso, em períodos de verificações de aprendizagem periódicas ou finais, como por exemplo, provas e testes, a carga horária deverá ser reduzida pelo menos à metade, de forma a não prejudicar o desempenho do educando na instituição de ensino.

Quanto à duração do estágio, pode-se dizer que este não poderá exceder dois anos, exceto quando se trata do estagiário com deficiência.

No que é referente à remuneração, deve-se destacar que o estagiário não recebe salário, e sim, dependendo da ocasião, uma bolsa de complementação educacional, já que não trata-se de um vínculo empregatício entre o estagiário e a instituição empregadora. Ou seja, para o estágio não obrigatório, a bolsa e o auxílio-transporte, ficam a critérios da parte concedente. Entretanto, no estágio obrigatório, a instituição empregadora deverá conceder uma bolsa ou outro tipo de concessão, além do auxílio transporte. No caso de a empresa possuir um ônibus próprio, o auxílio transporte poderá ser substituído pelo mesmo.

Quanto às férias, asseguradas pela legislação, poderá ser gozada quando o estágio tiver duração igual ou superior a um ano. O período deverá ser de trinta dias e, preferencialmente, durante as férias escolares. Essas férias deverão ser remuneradas, equivalentes à bolsa ou concessão que foram estabelecidas no termo de compromisso. Quando o estágio for inferior a um ano, o recesso deverá ser concedido de maneira proporcional aos trinta dias. Eis um exemplo dessas proporcionalidades:

QUADRO 02 – RELAÇÃO DE TRABALHO – FÉRIAS NO ESTÁGIO

Duração do Estágio	Duração do recesso
6 meses	15 dias
7 meses	18 dias
8 meses	20 dias
9 meses	23 dias
10 meses	25 dias
11 meses	28 dias

Fonte: (Ribeiro, 2009, p. 04)

Pode-se dizer que há uma diferença quando se fala do estágio no ensino superior ou do curso profissionalizante, e quando se fala do mesmo no ensino médio. Pois, a primeira volta-se principalmente para conhecimentos específicos, para uma profissão, cujos conhecimentos teóricos das instituições de ensino estão diretamente relacionados. Enquanto, no segundo, trata-se de iniciação e compreensão do mercado de trabalho, pois proporciona o conhecimento prático do ambiente do mesmo e das relações que ali estão inseridas.

Portanto, há de se compreender que o estágio tem uma importância fundamental na vida do educando, seja este da educação básica ou da educação superior, já que proporciona aos mesmos, um novo universo cultural, além de um novo olhar sobre sua vida e seu cotidiano, tendo dessa forma, novos pontos de referência.

Além do mais, o estágio deve ser visto como uma atividade produtiva com caráter social, ou seja, o mesmo possui um caráter central de socialização. O que lhes permite a criação e a estruturação de sua identidade perante a sociedade.

Capítulo 2

2. Métodos e técnicas utilizados

2.1 Apresentação

Esse trabalho faz parte de um projeto de pesquisa acadêmica, identificado como REJUGES - *Representação Social, Juventude e Gestão da Educação*, sob a coordenação da professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha. O REJUGES é um projeto de pesquisa da área da Sociologia, que permite uma interação com outras áreas temáticas, tais como Educação, Cultura e Política.

Esse grupo de pesquisa tem como objetivo central a captura das representações sociais dos jovens de ensino médio da rede pública do Distrito Federal, nos mais diversos âmbitos, tais como política, identidade cultural, docentes, gestão escolar, violência escolar, estágio, projeto político pedagógico e indústria cultural. Dessa forma, a pesquisa pretende capturar, compreender e analisar como são elaborados e estruturados os sistemas de referências que os jovens utilizam para classificar o mundo ao seu redor, o seu cotidiano. Como forma de uma estrutura mais sólida e cooperativa, apesar dos diferentes enfoques desse projeto, há de se entender que há pontos comuns entre estes diferentes objetos de estudo, como o arcabouço teórico, fundamentado principalmente em Émile Durkheim, a metodologia de pesquisa e as técnicas de investigação.

O objetivo do presente trabalho é capturar as representações sociais dos jovens do ensino médio público sobre o estágio. Para fins didáticos e para um melhor esclarecimento do leitor, há de se considerar, obviamente de forma reduzida e simplificada, que as representações sociais são compreendidas como um conjunto de idéias, crenças, explicações e conhecimentos resultantes da interação social.

Levando em consideração que em uma pesquisa científica é necessário utilizar métodos confiáveis e objetivos para se chegar a uma leitura efetivamente verossímil do objeto de estudo (considerando ainda que a verdade não seja absoluta, nem imutável, podendo ser modificada ou substituída), como forma de escolha do processo que mais se adéqua aos objetivos e hipóteses desse trabalho elaborou-se uma pesquisa quantitativa, já que esta permite medir, gerando critérios confiáveis através de análises estatísticas.

A pesquisa quantitativa geralmente é usada para mensurar opiniões, crenças, preferências e atitudes compartilhadas por um universo pesquisado, e acabam por se tornar representativas desse universo. O que garante a padronização e a generalização dos resultados, pois geram medidas precisas e se utilizam de técnicas estatísticas.

A abordagem quantitativa, como descrito acima, utiliza-se de técnicas estatísticas, isso acontece porque nessa abordagem é essencial uma técnica que padronize uma massa de dados e que, ao mesmo tempo, proporcione a elaboração de relações entre o modelo teórico proposto na pesquisa e os dados que foram capturados no mundo real, estabelecendo a veracidade da pesquisa. Embora as representações sociais sejam complexas e difíceis de ser mensuradas e quantificadas, o grupo de pesquisa teve o maior esforço e empenho em julgar quais fatores foram relevantes para a pesquisa seguindo uma abordagem teórica e quais fatores foram considerados, por hora, irrelevantes para os problemas levantados especificamente para a pesquisa.

Como caminho para o método mais apropriado e adequado, já que se tratam inicialmente de questionamento e hipóteses como um meio para surgirem novos conhecimentos, o método utilizado foi o hipotético-dedutivo.

2. 2 Método

O que isso quer dizer? O que seria esse método e por que se encaixa melhor nessa pesquisa acadêmica que trata de capturar e analisar as representações sociais dos jovens do ensino médio público do Distrito Federal?

Para começar entende-se método como “(...) *a ordem dos elementos de um processo para atingir um fim.*” (DESCARTES , 2008)

O método hipotético-dedutivo pressupõe que haja, inicialmente, um questionamento sobre determinado fenômeno e a partir deste um problema. Por fim, como forma de elaborar uma explicação para o problema em questão são formuladas hipóteses. Essas hipóteses são submetidas a testes e são confrontadas com os fatos, que nessa pesquisa, foram capturados através de questionários estruturados, a fim de concluir quais destas hipóteses serão corroboradas, ou seja, confirmadas, e quais hipóteses são refutadas, ou seja, falseadas.

Portanto, o método hipotético-dedutivo é um método de eliminação de erros, onde a ciência “(...) *não é um sistema de conceitos, mas ao contrário, um sistema de enunciados*”. (POPPER *apud* VIEGAS, 2007, p. 106).

Como assinala Viegas (2007), o método hipotético-dedutivo começa pela criação de um modelo que representa simplificada a realidade, e que deva indicar as relações entre as variáveis escolhidas, tendo como foco três características, tais como: representar a realidade de forma esquemática, isolar as relações entre as variáveis e prever o comportamento dessas variáveis.

A fim de testar essas teorias, ou hipóteses, corroborando-as ou refutando-as, são utilizadas diversas técnicas das mais variadas, qualitativas ou quantitativas, como foi descritas acima, ou até mesmo ambas, de forma a encontrar a verdade adequada para a situação e para o tempo que foi realizado o estudo, levando em conta, que não existe a verdade absoluta.

2.3 Universo pesquisado

Como forma de representar a maioria da população de jovens que estão inseridos na rede pública de ensino médio do Distrito Federal, foi escolhida, como universo de pesquisa, a juventude escolarizada das escolas públicas desse mesmo local. Devido ao custo e tempo do grupo de pesquisa, ficou claro que não era possível coletar os dados de toda a juventude escolarizada das escolas públicas do D. F.

Por fim, como forma de estudar essa “população” foi preciso retirar uma parte representativa desta mesma população, ou seja, selecionou-se uma amostra. É necessário entender que essa amostra deva delimitar o universo representado, e que ao mesmo tempo acabe por representar uma grande variabilidade dessa população, ou seja, que represente uma população heterogênea e que além de tudo essa amostra seja utilizada por um método aleatório ou por sorteio. Como nessa pesquisa a amostragem é aleatória, cada aluno tem igual probabilidade de ser sorteado para a amostra, ou seja, cada aluno tem a mesma probabilidade de responder ao questionário.

A amostragem aplicada a essa pesquisa é de caráter probabilístico e aleatório e é representativa por conglomerados. Nesse tipo de amostragem sorteia-se o aglomerado ou o coletivo, não a unidade individual. No caso deste trabalho, foram selecionadas as escolas de acordo com o número de matrículas. As escolas escolhidas possuíam o maior número de matrículas no ensino médio regular do Distrito Federal. Depois foram sorteadas de forma aleatória, as turmas que deveriam responder aos questionários.

Dessa forma, proporcionalmente aos números de matrículas foram escolhidas dez escolas que estão inseridas em seis regiões administrativas do Distrito Federal, tais como Taguatinga, Ceilândia, Gama, Planaltina, Vale do Amanhecer e Santa Maria. Os questionários foram aplicados no turno matutino em todas as escolas. Em Taguatinga, foram selecionadas duas escolas com alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, totalizando quarenta e quatro alunos que responderam ao questionário sobre o estágio. Em Ceilândia, foram selecionadas três escolas de alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, totalizando cinquenta e seis alunos. No Gama, foram selecionadas duas escolas de alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, totalizando setenta e sete alunos. Em Planaltina, foi selecionada uma escola, de alunos do segundo e terceiro ano do ensino médio, totalizando dezoito alunos que responderam ao questionário nessa escola. No Vale do Amanhecer, dezessete alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio responderam ao questionário. E por fim, na escola de Santa Maria, quarenta e três alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio responderam ao questionário.

No que se refere ao questionário específico dessa pesquisa, foram aplicados 255 questionários nessas seis regiões administrativas. Ao todo, levando em consideração o grupo Rejuges, foram aplicados dois mil e setenta e seis questionários nas dez escolas localizadas nas seis regiões administrativas citadas acima.

É necessário ressaltar, que as dez escolas pesquisadas ficam na área urbana. E que apesar de serem da rede pública, todas possuíam quadras esportivas, bibliotecas, laboratórios de informática, apesar de nem todas estarem em funcionamento, sala dos professores, sala do diretor e vice-diretor, secretaria e cantina. Apesar de serem bem estruturadas e localizadas em um bairro arborizado e iluminado, essas escolas, em sua maioria, apresentavam as paredes e muros pichados dentro e fora da escola, muitas com carteiras também pichadas e quebradas, o que acabam por demonstrar a despreocupação dos alunos para com o bem público da sociedade.

2. 4 Hipótese da Pesquisa

A hipótese central desta pesquisa é: os jovens do ensino médio da escola pública do DF procuram no estágio uma forma de afirmar sua identidade e liberdade financeira e a hipótese secundária é a de que os jovens não vêem o estágio como uma forma de aprendizagem.

2.5 Instrumento da Pesquisa

Como meio para se chegar ao resultado, foi utilizado um instrumento adequado a abordagem quantitativa e ao método hipotético-dedutivo: o questionário.

Primeiramente o questionário é uma técnica escrita composta por questões com o objetivo de capturar interesses, crenças, sentimentos, opiniões, expectativas, comportamentos etc. É por esse motivo que o questionário adéqua-se ao projeto de pesquisa Rejuges, já que se trata de capturar, analisar e compreender as representações sociais dos jovens. Além disso, ainda permite que se faça uma relação direta do objetivo da pesquisa em questões específicas. Portanto, são as respostas dessas questões específicas que proporcionaram a análise dos dados, possibilitando capturarmos, analisarmos e testarmos as hipóteses que foram colocados no desenvolvimento da pesquisa.

O questionário é um dos instrumentos mais usados no método hipotético-dedutivo, porque além de proporcionar dados suficientemente específicos para testar as hipóteses, ainda possibilita ser usado para um grande número de sujeitos, implicando um custo mais barato que outras técnicas. Além do mais, proporciona o anonimato, que acaba por proporcionar uma maior precisão e validade dos dados coletados, já que o respondente acaba por se sentir mais seguro em demonstrar sua verdadeira posição e conhecimento diante das questões envolvidas

O questionário que foi aplicado nessa pesquisa foi o estruturado misto, em que o mesmo contém questões abertas e questões fechadas. Perguntas abertas são aquelas que “(...) *apresenta-se a pergunta e deixa-se um espaço em branco para que a pessoa escreva sua resposta sem qualquer restrição.*” (GIL, 1999, p.131)

Apesar de apresentar ao respondente sua própria maneira de pensar, não fixando respostas já preestabelecidas. Nesse tipo de questão é importante ressaltar que geralmente elas retornam sem respostas, já que exige do respondente um esforço maior na elaboração das respostas. Deve-se levar em consideração também que o processo de tabulação torna-se mais difícil e complexo. Perguntas fechadas são aquelas que “(...) *apresenta-se ao respondente um conjunto de alternativas de resposta para que seja escolhida a que melhor representa sua situação ou ponto de vista.*” (GIL, 1991, p.130). Nesse tipo de questão é necessário que o elaborador do questionário não ofereça um número muito grande de alternativas, e ao mesmo tempo, garanta que haja uma resposta que se enquadre na alternativa do respondente.

O questionário aplicado possuía o total de 33 (trinta e três) questões abertas e fechadas. De forma a contribuir para uma mais completa e aprofundada coleta de dados acerca do fenômeno das representações sociais, o questionário foi dividido em duas partes. A primeira parte é composta por questões de cunho geral do respondente, como a idade, a orientação sexual, o estado civil, a religião, a escolaridade da mãe e do pai, a profissão da mãe e do pai, com quem mora, a renda familiar, se possui filhos ou não, a cidade onde mora e se exerce alguma atividade remunerada.

A segunda parte é composta por questões específicas acerca do estágio, ao começar pelo conceito que o respondente declara sobre o mesmo, qual a sua importância, se deve ser obrigatório ou não no ensino médio, e se o respondente já exerceu ou exerce esse tipo de atividade remunerada.

É necessário ressaltar que o grupo Rejuges teve cuidado o suficiente para elaborar as questões de uma forma clara e objetiva, levando em consideração o nível de

informação do público-alvo, no caso, os alunos de ensino médio. Ainda teve-se o cuidado em elaborar as perguntas de forma a possibilitar uma única interpretação. O grupo tomou cuidado ao elaborar as perguntas de forma que se refira a uma única idéia por vez. O Rejuges procurou e preocupou-se em evitar perguntas, que, de alguma forma, pudessem provocar respostas estereotipadas ou socialmente desejáveis, conformistas ou até mesmo respostas de fuga.

CAPÍTULO 3

3. O Perfil da população pesquisada

3.1 Dados gerais

Com a amostragem de 255 questionários, ressalta-se que 59,61% referem-se ao sexo feminino e, 39,61% ao sexo masculino, e 0,78% não responderam a essa questão.

Como neste trabalho o público-alvo são os jovens de ensino médio, entre os 255 sujeitos, 11,37% possuem 15 anos de idade; 38,43% possuem 16 anos; 36,47% possuem 17 anos; 9,41% possuem 18 anos; 2,35% possuem mais de 18 anos e apenas 0,78 são menores de 15 anos e, ainda 1,18% não quiseram dar essa informação.

Desta amostra, 96,08% são solteiros; 1,18% são amigados ou juntados; 1,18% são casados; 0,78% são separados ou divorciados e 0,78% não responderam a essa questão.

Quanto à etnia, 22,75% consideram-se brancos; 55,69% consideram-se da cor parda; 12,94% consideram-se negros; 5,49% consideram-se amarelos; 2,35% consideram-se indígenas e 0,78% não deram essa informação.

Quanto à orientação sexual, 84,90% são heterossexuais, 1,18% são homossexuais; 1,96% são bissexuais e 1,96% optaram por não favorecer essa informação.

Quanto ao número de irmãos, 24,31% possuem apenas 01 irmão; 6,67% não possuem nenhum irmão; 65,88% possuem mais de 01 irmão e 3,14% não responderam a essa questão.

De acordo com os dados obtidos, os jovens desse trabalho *residem* em sua maioria com os pais e os irmãos, ou seja, 53,33%, formam uma família biparental, enquanto 20,39% residem com a mãe ou o pai mais os irmãos, compondo uma família monoparental, enquanto 9,02% moram apenas com os pais. E ainda 8,24% residem apenas com a mãe; 1,57% com o cônjuge; 5,09% com tios, avós, primos ou irmãos, e apenas 0,78% moram com o pai e 1,57% optaram por não dá essa informação.

Quanto à escolaridade da mãe, apenas 7,84% possuem educação superior e, 6,27% possuem educação superior incompleta. Esse número decai ainda mais quando se refere à pós-graduação, com apenas 2,35% para pós-graduação completa e 0,78% para pós-graduação incompleta. Quanto ao ensino médio, 36,47% das mães possuem esta formação completa, enquanto 12,16% não chegaram a concluir esse segmento escolar. No que, refere-se ao ensino fundamental 10,59% das mães concluíram esse ciclo, enquanto 19,22% possuem ensino fundamental incompleto, e ainda, 1,18% das mães não são alfabetizadas, e 3,13% não quiseram responder a essa informação.

Referente aos dados da escolaridade do pai, 3,92% não são alfabetizados, 21,18% possuem ensino fundamental incompleto, 7,45% possuem ensino fundamental completo, 31,76% conseguiu completar o ensino médio e 12,16% não conseguiram completar esse segmento. Tratando-se da educação superior, 2,75% ainda está

cursando ou não conseguiu concluir essa etapa. No que diz respeito a à pós-graduação esse índice ainda decai, demonstrando que 1,57% ainda não concluiu essa etapa e 6,27% desses pais, conseguiriam concluir esse segmento. E, 9,11% deixaram essa questão em branco ou não sabiam responder.

No que diz respeito à renda familiar, 1,57% dos jovens declararam que a família recebe menos de um salário mínimo; 7,45% recebem um salário mínimo; 32,94% recebem mais de um salário mínimo e menos de dois salários; 27,84% recebem mais de dois salários mínimos e menos de quatro e 26,27% recebem mais de cinco salários mínimos, e ainda 3,52% não declararam sua renda familiar.

Quanto à ter filhos, 97,64% não possuem filhos e apenas 1,57% possuem. Sendo que desses, 100% possuem apenas um filho. E 0,78% não quiseram responder a essa questão.

No que refere à religião, 49,02% dos jovens entrevistados declaram-se católicos; 4,71% declaram-se espíritas; 33,33% evangélicos; 2,35% declaram que possuem outra religião além dessas citadas a pouco, e ainda 9,41% não possuem religião. E 1,18% não deram essa informação.

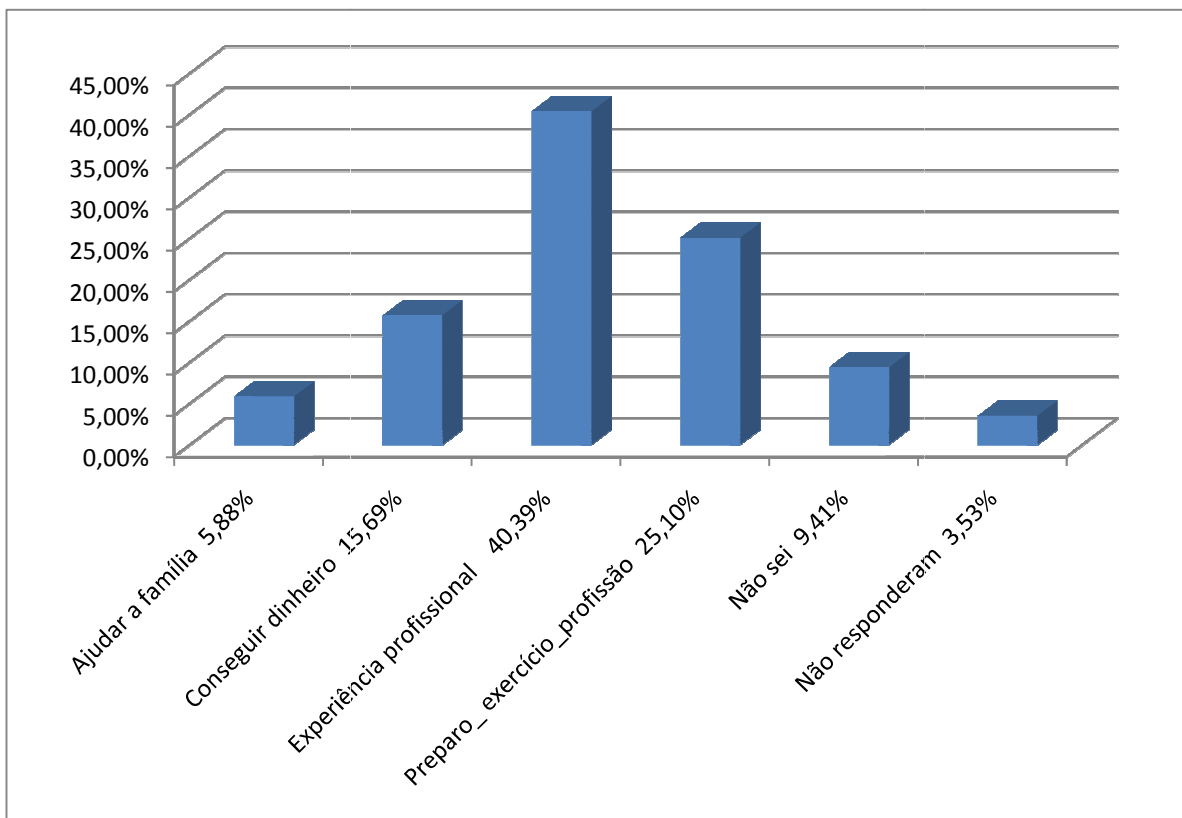
No que diz respeito à cidade onde mora, 89,01% residem no Distrito Federal, nas regiões administrativas de Ceilândia, Gama, Novo Gama, Recanto das Emas, Planaltina, Riacho Fundo II, Samambaia, Santa Maria, Taguatinga e Vicente Pires. E 8,23% residem no entorno do D.F., no estado de Goiás, no qual destaca-se as seguintes cidades: Águas Lindas, Luziânia, Valparaíso e Santo Antônio do Descoberto. E 2,76% deixaram essa questão em branco.

Quanto à atividade remunerada, 2,75% dos jovens são autônomos; 1,96% realizam atividades esporádicas, ou "bicos"; 7,06% possuem um emprego; 1,96% realizam algum outro tipo de atividade remunerada; 1,57% realizam pesquisas; 14,90% fazem estágios, enquanto a maioria com 67,84% não realizam nenhuma atividade remunerada.

Concluindo, de uma forma geral, ao se falar do perfil geral dos jovens deste estudo, predominam as seguintes características: jovens de 16 anos, do sexo feminino, solteiros, pardos, heterossexuais, pertencentes a uma família biparental, que possuem mais de 01 irmão. São filhos de pais que possuem o ensino médio completo, e que possuem renda familiar de mais de 01 salário mínimo e menos de 02 salários mínimos. São jovens que não possuem filhos, que são católicos, moram no Distrito Federal e não exercem nenhum tipo de atividade remunerada.

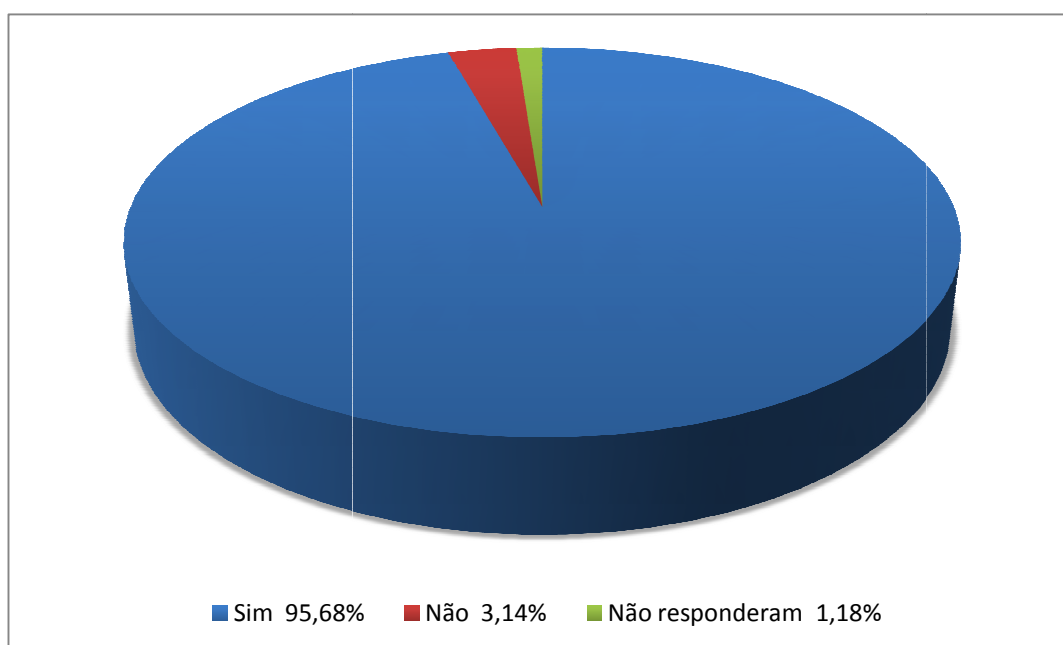
3.2 Dados sobre o estágio

Gráfico 01 - O que é estágio para você?



Por ordem de importância, os jovens definiram o estágio como um “*emprego remunerado para adquirir experiência profissional*” (40,39%), como uma “*experiência que prepara para o exercício de uma profissão*” (25,10%), “*como uma forma de conseguir meu próprio dinheiro e não depender de meus familiares*” (15,69%) e como uma “*forma de conseguir dinheiro para ajudar minha família*” (5,88%). Alguns jovens optaram por não responder ou de alguma forma anularam a questão dando uma porcentagem de 3,53%, e ainda 9,41% declararam que não sabiam o que era estágio.

Gráfico 02 – Você acha o estágio importante?



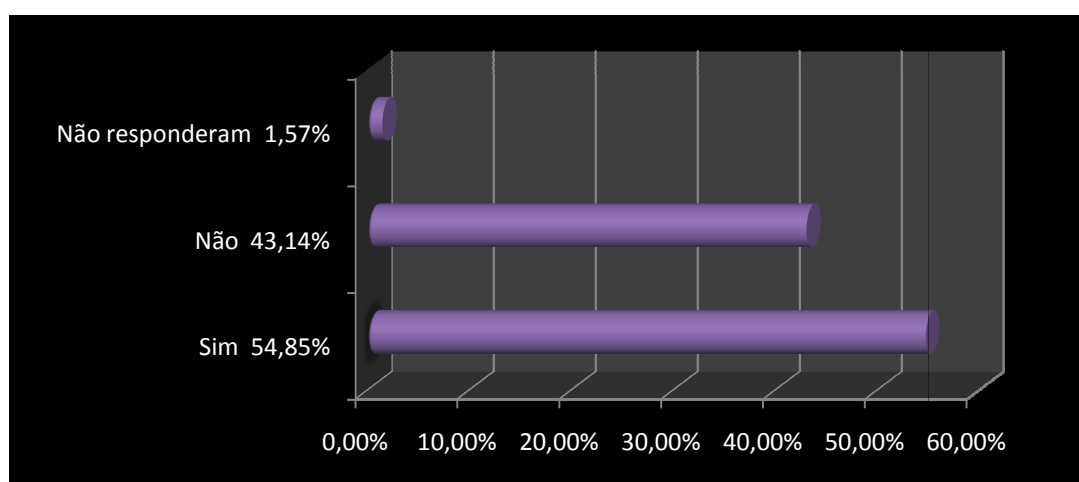
Quando perguntados se achavam o estágio importante, a maioria dos jovens afirmou que sim (95,68%), e uma pequena margem dos mesmos declararam que não (3,14%), e 1,18% deixaram a questão em branco.

Quando instigados a responder o porquê de achar o estágio importante, 6,69% não quiseram responder. E dos 95,68% que responderam que sim, o considerou como uma forma de adquirir conhecimentos e ao mesmo tempo como instrumento de

inserção no mercado de trabalho. Ratifica-se esta informação, com as respostas retiradas dos questionários, como por exemplo: *“Sim, por que ajuda o jovem a escolher uma profissão através da experiência profissional”* ou *“Porque é o início da nossa vida profissional, nos prepara para ingressar realmente no mercado de trabalho. Tem-se também como justificativa dessa importância o amadurecimento pessoal e profissional destes jovens, já que é um meio que proporciona o surgimento de responsabilidades, tais como o manuseio financeiro e a divisão de tempo de suas obrigações. Para alguns jovens, o estágio ainda é uma ferramenta de ascensão profissional, sendo visto como porta de entrada para melhores empregos, exemplo de resposta: “É importante, pois é um meio onde você aprimora o seu currículo para seu futuro (...)”*

Quanto à justificativa para a resposta negativa, apresentam-se as seguintes explicações: salário muito pequeno, atrapalha os estudos, priva de outras atividades e ainda, excesso de responsabilidades. Eis alguns exemplos dessas justificativas: *“Porque o estágio trabalha demais, é cansativo, e o dinheiro que é bom NADAA.”*; ou *“Porque, enquanto você estiver trabalhando para ganhar pouco, pode estar estudando para entrar em qualquer faculdade. E com isso fazer um estágio do seu curso.”* Ou *“Porque atrapalha os estudos, o aluno pode fazer um curso.”*

Gráfico 03 - Você acha que o estágio deve ser obrigatório no ensino médio?



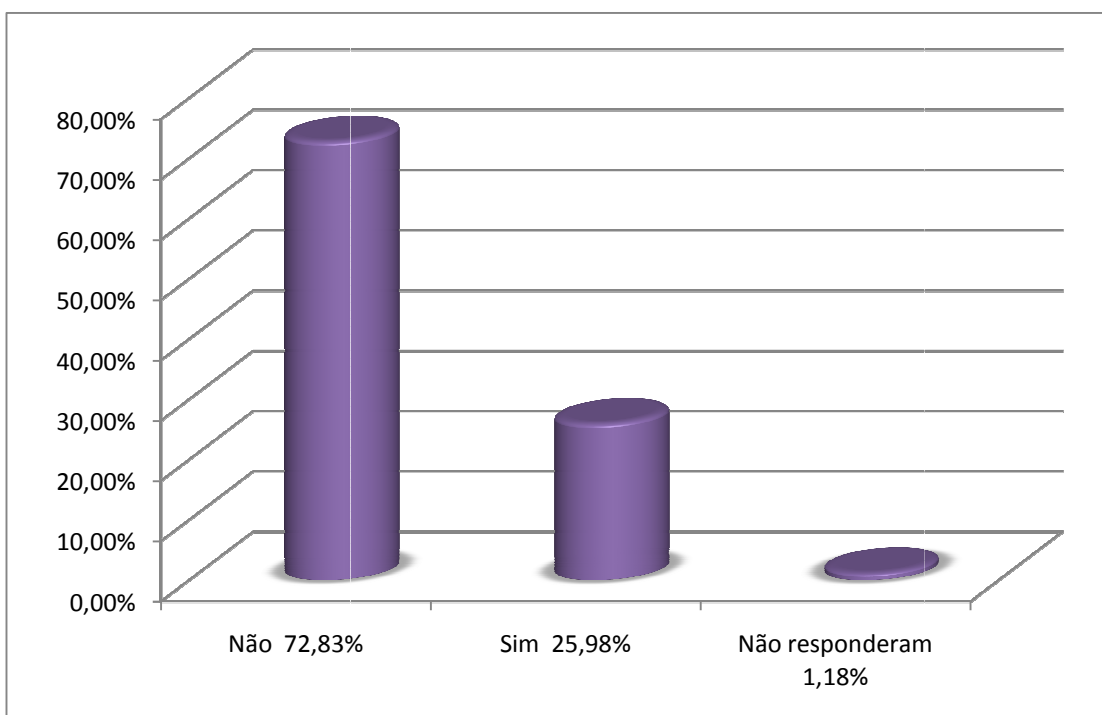
Como mostra o gráfico 03, a maioria dos jovens (54,85%) acredita que o estágio deve ser obrigatório no ensino médio, enquanto que 43,14% afirmam que o estágio não deve ser obrigatório e 1,57% optaram por não responderem à essa questão.

Na questão conseguinte à essa, o objetivo era saber o por quê do estágio ser obrigatório ou não. E 15,29% não quiseram justificar sua opção. E entre os motivos mais citados na posição positiva à obrigatoriedade têm-se a igualdade de oportunidades, a complementação dos estudos escolares, a oportunidade de ajudar a família, possuir uma autonomia financeira, possibilidade de ascensão profissional, facilidade de inserção no mercado de trabalho e obtenção de responsabilidade, proporcionando uma maturidade pessoal e profissional e incentivo para a escolha profissional. Como exemplo dessas explicações, apresentam-se as seguintes respostas: *“Sim, defendo isso, o estágio é uma oportunidade para crescimento profissional em determinada empresa”*; *“Para que futuramente, nós possamos ter uma experiência maior na carteira de trabalho”*; *“Eu acho, que todos tem que sair do ensino médio já preparados profissionalmente, não só teoricamente!”*; *“Por que muitos jovens ainda não tem uma opinião formada sobre que carreira seguir, e o estágio pode ajudar nessa escolha”*; *“Porque se os jovens estiverem ocupados eles não procuraria dinheiro nas drogas.”*; *“Porque, os alunos do ensino médio ainda são um pouco imaturos e precisam adquirir responsabilidades.”*; *“Você prepara sua vida, se organiza, aprende a ter tempo e hora para cada coisa.”*; *“ Pois os alunos estão quase saindo da escola e precisarão de uma oportunidade no mercado de trabalho.”*; *“Porque os alunos tem que receber dinheiro”*.

Quanto à justificativa de que o estágio não deva ser obrigatório, encontram-se nas explicações essas seguintes razões: prejudica os estudos, privação de outras atividades, responsabilidade muito cedo e a principal é que esses jovens acreditam que deva ser uma escolha própria do aluno e não uma coisa imposta, já que o mesmo deva ter autonomia nas suas escolhas, optando pelo que melhor servir, como por exemplo, estagiar ou estudar para concursos ou vestibulares. Eis algumas respostas retiradas dos questionários: *“Obrigatório não, porque pode influenciar o rendimento escolar.”*; *“Porque acima de tudo, a escola ainda é de maior*

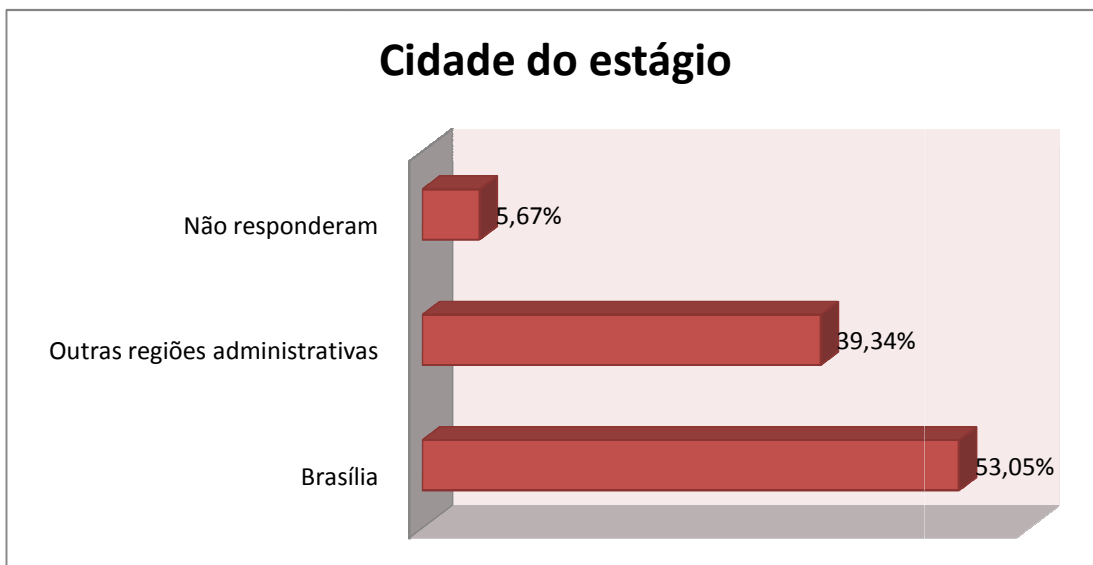
relevância(...); “Porque muitas vezes atrapalha, além de ser muito cansativo.”; “Porque tem muitos alunos que querem apenas se dedicar aos estudos ou cursos.”; “Eu sou contra fazer as coisas obrigado, quando é obrigado o interesse pelo estágio se perde.”; “Deveriam ser ampliadas as oportunidades e não obrigatório.”; “Acho que não porque às vezes não dá para se aprofundar direito nos trabalhos de escola etc.”; “Por que exige muita responsabilidade e nos priva de muitas coisas.”

Gráfico 04 – Você já fez ou está fazendo estágio?



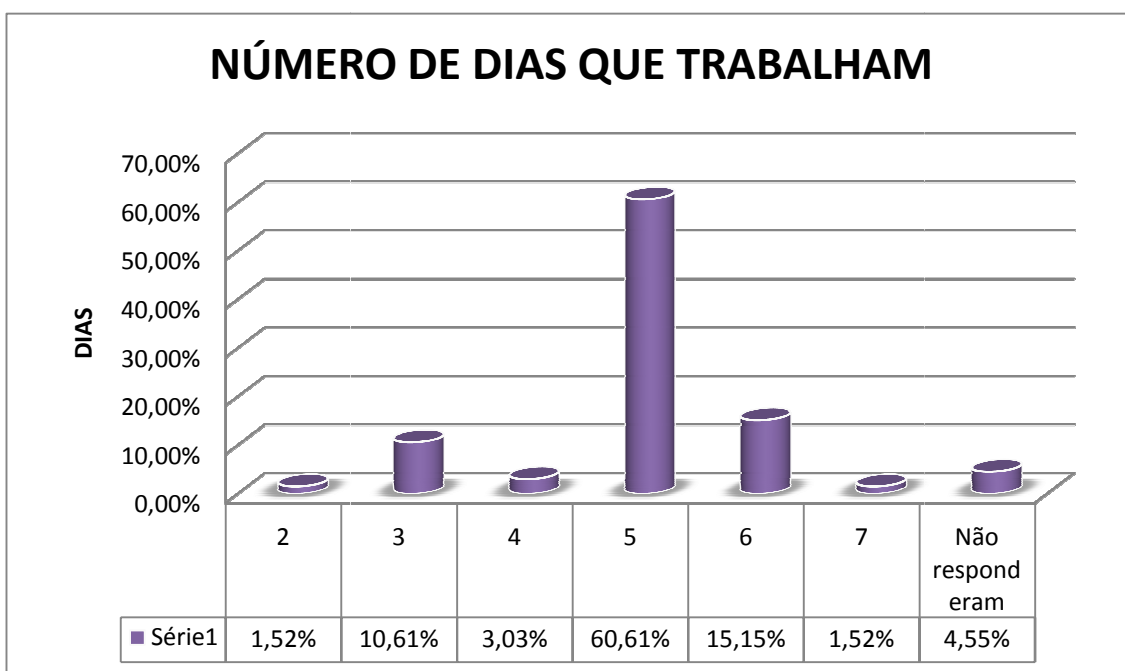
Observa-se nesse gráfico que a maioria dos jovens não quiseram ou não tiveram oportunidades de estagiar, totalizando 72,83% dos entrevistados. Em contraste, obtêm-se 25,98% de jovens que fazem ou já fizeram estágio durante sua trajetória no ensino médio. E apenas 1,18% dos respondentes não quiseram dar essa informação.

Gráfico 05 – Cidade onde faz estágio ou já estagiou



Percebe-se que apesar de nenhum aluno morar em Brasília, considerando apenas as informações dos declarantes, 53,05% dos 25,98% dos jovens que fazem ou já fizeram estágio estão alocados profissionalmente na capital do Brasil. Apenas 39,34% desses 25,98% trabalham e residem na mesma Região Administrativa.

Gráfico 06 – Quanto dias da semana em que faz ou já fez estágio



Percebe-se no Gráfico 06 que a maioria dos jovens que participaram desta pesquisa, 60,61%, que ao mesmo tempo, já fizeram ou faz estágio, trabalham 05 (cinco) dias na semana. Seguindo com 06 (seis) dias na semana com 15,15% dos entrevistados. Apenas 1,52% exercem essa atividade remunerada todos os dias da semana. Decaindo nos dias na semana, temos que 3,03% trabalham 04 (quatro) dias da semana; 10,61% trabalham 03 (três) dias e apenas 1,52% trabalham 02 (dois) dias na semana e 4,55% não quiseram declarar quantos dias na semana exercem essa atividade.

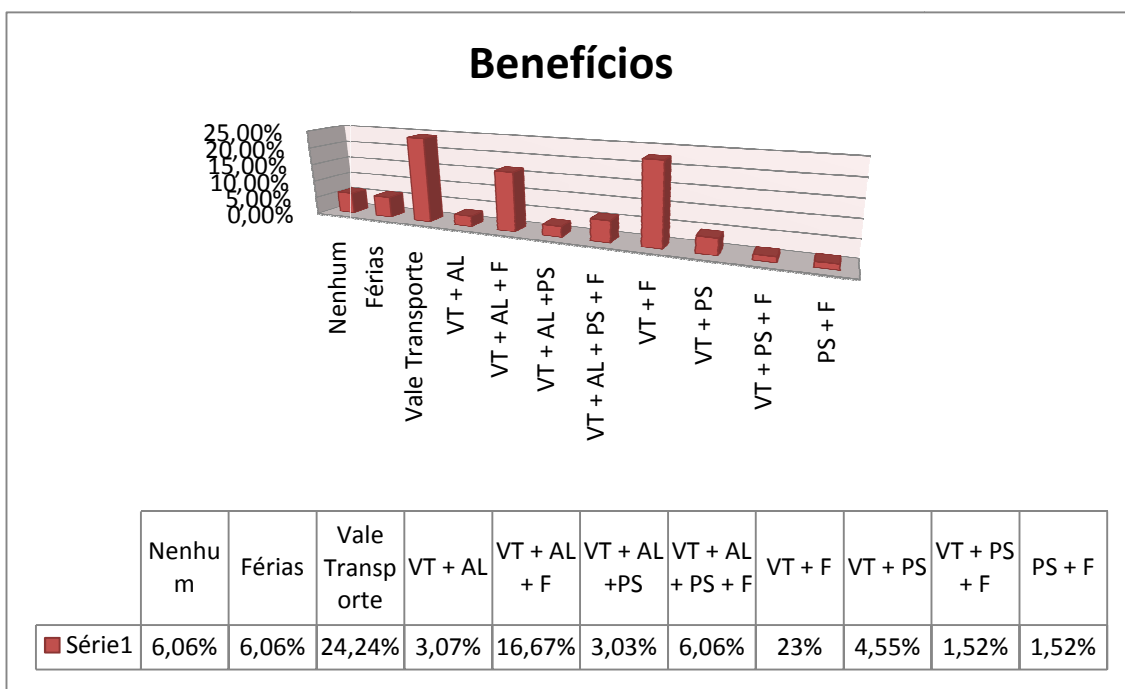
Gráfico 07 – Jornada de trabalho: horas por dia



De acordo com o gráfico 07, pode-se notar que a limitação de jornada de trabalho, regida pela Lei nº. 11.788/2008 (Nova Lei de Estágio), tem sido obedecida pela

maioria das organizações e instituições. Apenas 3% dos estagiários possuem a jornada de trabalho acima do permitido, de 6 (seis) horas. Exatamente no limite dessa jornada, encontra-se 11% dos estudantes estagiários que foram questionados; 1% desses jovens possuem a jornada de 03 (três) horas e 30 minutos; 1% trabalham 05 (cinco) horas e 30 minutos; 9% dedicam 05 (cinco) horas por dia a essa atividade remunerada; e 5% trabalham apenas 03 (três) horas por dia. Cerca de 5% dos jovens, não quiseram informar sua jornada de trabalho.

Gráfico 08 – Se você já fez ou está fazendo estágio, quais benefícios que recebeu (ou recebe), além do bolsa-auxílio.

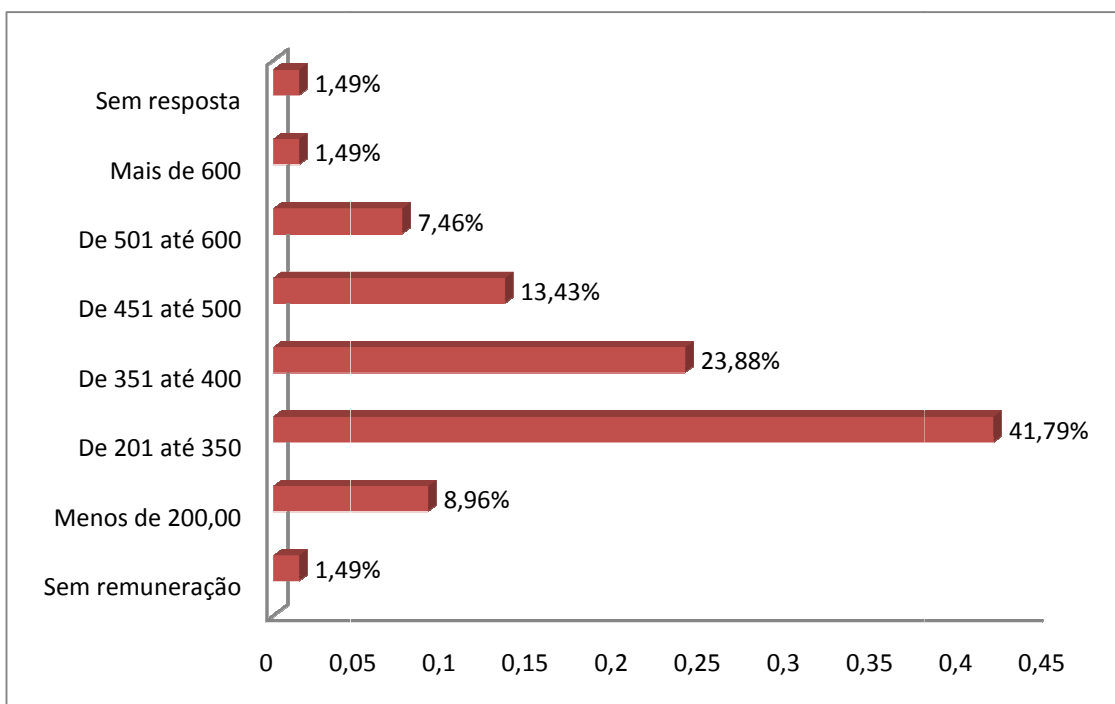


Antes de descrever a porcentagem dos benefícios que os estudantes possuem ao exercer o estágio, é necessário esclarecer algumas siglas vistas no gráfico 07. Quando observa-se VT deve-se ler Vale Transporte; AL é alimentação; F significa férias e PS quer dizer Plano de Saúde.

Apesar de estabelecido em lei o direito ao auxílio-transporte e às férias para o estagiário, ao analisar um pouco mais a fundo o gráfico 07, chega-se a conclusão que esses direitos não têm sido cumpridos. Quase atingindo 100%, o vale transporte

é o direito mais cumprido seguindo a legislação, atingindo 84,87% da população de estagiários. Quanto ao outro direito, as férias, observa-se que apesar de não atingir uma porcentagem muito grande, consegue superar a maioria, com 54,83% dos estagiários questionados. No entanto esse número decresce ainda mais quando há um aumento dos benefícios, apenas 16,67% possui o benefício do vale transporte mais alimentação e mais férias. Quando se observam os quatro benefícios juntos, encontra-se apenas em 6,06% dos jovens questionados. Beneficiando-se da Lei do Estágio, 23% dos estagiários gozam do direito das férias e do vale-transporte. Observa-se no Gráfico 08 que 6,06% dos entrevistados não ganham nenhum tipo de benefício; 6,06% gozam apenas das férias; 24,24% recebem apenas o vale transporte; 3,07% recebem vale transporte mais alimentação. Esses números vão decaindo mais, quando se trata do plano de saúde. De um aspecto geral, apenas 16,68% desses jovens possuem plano de saúde através dos estágios. Especificamente 4,55% recebem vale transporte e plano de saúde; 1,52% gozam do vale transporte mais plano de saúde e férias; e 1,52% tem os benefícios das férias e do plano de saúde.

Gráfico 09 – Valor da bolsa-auxílio ou “salário”



Quanto à bolsa-auxílio dos estagiários de ensino médio, pode-se dizer que 8,96% dessa amostra pesquisada recebem a remuneração de menos de R\$200,00 (duzentos reais); 41,79% destes jovens recebem de R\$201,00 (duzentos e um reais) até R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais). O número de jovens diminui à medida que a bolsa-auxílio aumenta, 23,88% recebem o auxílio de R\$351,00 (trezentos e cinquenta e um reais) até R\$ 400,00 (quatrocentos reais); e ainda decaindo, 13,43% recebem de R\$451,00 (quatrocentos e cinquenta e um reais) até R\$500,00 (quinhentos reais); caindo quase pela metade da situação anterior, 7,46% recebem de R\$501,00 (quinhentos e um reais) até R\$600,00 (seiscentos reais) e apenas 1,49% desse universo consegue equiparar sua bolsa-auxílio com o salário mínimo fixado em lei federal no que se refere ao emprego fixo, com o salário de mais de seiscentos reais.

CONCLUSÃO

Baseado nos estudos de Émile Durkheim e Serge Moscovici acerca das Representações Sociais, o objetivo deste trabalho foi capturar as representações sociais dos jovens do ensino médio sobre o estágio. Procurou-se refutar ou corroborar a seguinte hipótese central: os jovens do ensino médio da escola pública do Distrito Federal procuram no estágio uma forma de afirmar sua identidade e liberdade financeira e a seguinte hipótese secundária: os jovens não vêem o estágio como uma forma de aprendizagem.

O objetivo dessa pesquisa foi alcançada, pode-se capturar as Representações Sociais dos estudantes jovens sobre o estágio. Já que, ao analisar o por quê do estágio ser importante, viu-se que os jovens de ensino médio vêem o estágio como uma forma de experiência profissional (46,38%), como uma forma de ajudar a família financeiramente (5,11%), como uma forma de autonomia financeira (14,95%) e como uma forma de adquirir conhecimentos (11,02%). Percebe-se, que a maioria dos jovens respondentes, têm a imagem do estágio como um processo de aquisição de experiência. E ao considerar que esse mesmo processo de experiência é também uma forma de adquirir conhecimentos, pode-se afirmar que os jovens veem o estágio como uma forma de aprendizagem.

A hipótese central do referente trabalho: Os jovens do ensino médio da escola pública do DF procuram no estágio uma forma de afirmar sua identidade e liberdade financeira e a hipótese secundária a de que os jovens não vêem o estágio como uma forma de aprendizagem, foram refutadas.

Nota-se que a maioria dos jovens estagiários de Ensino Médio (72,83%), apesar de acharem o estágio importante (95,68%) e acharem que o estágio deva ser obrigatório para esse segmento escolar (54,85%), nunca chegaram a fazer esse tipo de atividade remunerada.

Com os dados obtidos no gráfico 07, pode-se deduzir que essa confusão de estágio e emprego ainda tem acontecido. Já que ao analisar a jornada de trabalho (carga horária diária), pode-se notar que 3% dos entrevistados ultrapassam ou ultrapassaram a carga diária estabelecida pela Lei, que por sua vez, não pode ultrapassar de 06 (seis) horas diárias ou 30 (trinta) horas semanais.

Portanto, ao confrontar a legislação com o dados fornecidos pela pesquisa, compreende-se que apesar da maioria das instituições e organizações estarem de acordo e cumprirem o exigido em lei, ainda há, mesmo que pequeno, um abuso contra os direitos sociais dos estagiários. Portanto, é necessário que haja uma conscientização dessas instituições que o estágio é, acima de tudo, um processo educativo significativo para o desenvolvimento da cidadania. Por isso, essas instituições devem tomar o cuidado para não visualizarem o estágio como um vínculo empregatício.

Apesar da consciência do que seja o estágio, pode-se deduzir que 43,14% dos jovens que declararam que o estágio não deve ser obrigatório no ensino médio, sabem ou possuem uma noção de que apesar do estágio ajudar, de alguma forma também atrapalha, pois conciliar os dois (estágio e estudo) não é uma tarefa tão simples e fácil, já que de alguma forma, interfere diretamente em outras atividades que o estudante faça ou queira fazer.

Um fator importante que essa pesquisa conseguiu constatar também é a localidade da moradia e desse tipo de atividade remunerada. De todos os jovens pesquisados, 89,01% residem nas regiões administrativas do Distrito Federal, como Taguatinga, Ceilândia, Recanto das Emas, Riacho Fundo II, Gama, Novo Gama, Planaltina, Samambaia, Santa Maria e Vicente Pires, e o restante (8,23%) reside no estado de Goiás. No entanto, 53,05% fazem estágio em Brasília, no centro urbano do Distrito Federal.

Já que em tese, Brasília possui uma das melhores condições sócio-econômicas do Brasil, e acaba, por oferecer amplas oportunidades de emprego e melhores qualificações, como equipamentos, infra-estrutura, benefícios (como vale transporte,

acesso a plano de saúde, alimentação e férias), tornando-se dessa forma, a cidade mais procurada e almejada para a maioria dos jovens, quando se refere à questão profissional. (VESENTINI, 1987)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil no Brasil contemporâneo. In: _____; BRANCO, Pedro Paulo (Orgs.). **Retrato da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-78.

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**: Revista da Anped. São Paulo, n. 5-6, 1997.

BAJOIT, Guy & FRANSSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. In: **Revista Brasileira de Educação**: Revista da Anped. São Paulo, n. 5-6, 1997.

BARBOSA, Eduardo. Instrumentos de Coletas de Dados em Projetos Educacionais. In: **Publicação do Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais – Educativa**, 1998.

BRANCO, Pedro Paulo. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: _____. ABRAMO, Helena (Orgs.). **Retrato da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 129-148.

BRASIL. Lei número 11.788, de 25 de setembro de 2008. Lei do Estágio.

DURKHEIM, Émile [1958 – 1917]. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 609 p.

_____. **Filosofia e Sociologia**. São Paulo: Ícone, 1994. 145p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995. 206p.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia Científica: Ênfase em Pesquisa Tecnológica**. 2003. Disponível em: <http://www.jung.pro.br>. Acesso em: 07/10/2011.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**: Linguagem e método. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 139p.

LEÃO, Geraldo. Trabalho e desemprego entre os jovens: desafio para as políticas públicas. In: **Revista de debates**: mandato vereador Arnaldo Godoy (PT). Belo Horizonte, n. 6, novembro/2007.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo – Qualitativo: Oposição ou Complementariedade? In: **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 9, jul/set, 1993.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Revista Brasileira de Educação**: Revista da Anped. São Paulo, n. 5-6, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 404 p.

POCHMANN, Marcio. Educação e Trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 87, maio/ago. 2004.

RIBEIRO, Carlos Reinaldo. **Estágio e Empregabilidade**. In: Revista Contábil & Empresarial Fiscolegis, 2009. Disponível em: <www.empregabilidade.net>. Acesso em: 22/09/2011.

SPOSITO, Marília. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: **Retrato da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 87-128

SPOSITO, Marília. Estudos sobre juventude em educação. In: **Revista Brasileira de Educação**: Revista da Anped. São Paulo, n. 5-6, 1997.

VESENTINI, J. W. O espaço urbano da nova capital. In: _____. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática, 1987. p. 33 – 48.

VIEGAS, Valdyr. **Fundamentos Lógicos da Metodologia Científica**. Brasília: UnB, 2007. 241p.

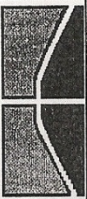
III) - PROJEÇÕES FUTURAS

Após a graduação, pretendo trabalhar em alguma escola privada. De forma a colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante minha vida acadêmica, e ao mesmo tempo, confrontá-los com a realidade do cotidiano escolar.

E, no tempo restante, preparar-me e dedicar-me para o ingresso no mercado de trabalho público. Tendo como foco principal a Secretária de Educação.

Depois de estabilizar-me financeira e profissionalmente, pretendo retomar minhas atividades acadêmicas e dar prosseguimento as mesmas, concorrendo a uma seleção de mestrado em educação, preferencialmente, na área de educação infantil ou psicopedagogia, aprendizagem descoberta após um ano de estágio.

IV) - APÊNDICE – QUESTIONÁRIO MISTO



O que os jovens brasilienses pensam?

Esta pesquisa está sendo feita com os jovens do DF. Sua resposta é **muito importante** para nós. Pedimos que seja **muito sincero (a)** ao responder. E, se possível, não deixe questões em branco. Não precisa assinar ou escrever seu nome. Fique tranquilo (a), ninguém saberá quem respondeu.

Marque um X no item que corresponde a sua situação.

01 – Sexo

- a. () Masculino
- b. () Feminino

02 – Idade

- a. () Menos de 15 anos
- b. () 15 anos
- c. () 16 anos
- d. () 17 anos
- e. () 18 anos
- f. () Mais de 18 anos

03 – Estado Civil

- a. () Solteiro (a)
- b. () Casado (a)
- c. () Viúvo (a)

- d. () Separado/Divorciado (a)
- e. () Amigado e/ou Juntado

04 – A sua cor ou raça é:

- a. () Branca
- b. () Negra
- c. () Amarela
- d. () Parda
- e. () Indígena

05 – Orientação Sexual

- a. () Heterossexualidade
- b. () Homossexualidade
- c. () Bissexualidade

06 - Quantos irmãos você tem? _____

07 – Quem mora com você? Marque quantos for necessário:

- a. () Pai
 b. () Mãe
 c. () avós
 d. () irmãos
 e. () Marido e/ou Esposa e/ou Companheiro (a) e/ou Namorado
 (a)
 f. () Filhos
 g. () padrasto
 h. () madrasta
 i. () Outros. Quais? _____

08 – Qual é o grau de escolaridade de sua mãe?

- a. () Pós-graduação Completa
 b. () Pós-Graduação Incompleta
 c. () Superior Completo
 d. () Superior Incompleto
 e. () Ensino Médio (2º grau) Completo
 f. () Ensino Médio (2º grau) Incompleto
 g. () Ensino Fundamental (1º grau) Completo
 h. () Ensino Fundamental (1º grau) Incompleto
 i. () Não é alfabetizada

09 – Profissão da mãe: _____

10 – Qual é o grau de escolaridade de seu pai?

- a. () Pós-graduação Completa
 b. () Pós-Graduação Incompleta
 c. () Superior Completo
 d. () Superior Incompleto
 e. () Ensino Médio (2º grau) Completo
 f. () Ensino Médio (2º grau) Incompleto
 g. () Ensino Fundamental (1º grau) Completo
 h. () Ensino Fundamental (1º grau) Incompleto
 i. () Não é alfabetizado

11 – Profissão do Pai: _____

12 – Qual a renda **mensal** da sua família?

- a. () **Menos** de um salário mínimo por mês (R\$ 510,00)
 b. () Exatamente um salário mínimo por mês = R\$ 510,00
 c. () Mais de um e menos de dois salários mínimos por mês
 (de R\$ 510,00 a R\$ 1.020,00)
 d. () Mais de dois e menos de quatro salários mínimos por mês
 (de R\$ 1.020,00 a R\$ 2.040,00)
 e. () Mais de cinco salários mínimos por mês (R\$ 2.550,00)

13 – Você tem filhos?

- a. () Sim
 b. () Não

14 – Se você tem filhos, Quantos? _____

15 - Qual a sua religião? **Não** a de seus pais.

- a. () Católica
 b. () Evangélica. Qual? _____
 c. () Espírita
 d. () Religião de Origem Africana. Qual? _____
 e. () Outra. Qual? _____
 f. () Não tem

16 – Em qual cidade você mora? _____

17 – A casa onde você mora é:

- a. () Própria
 b. () Alugada
 c. () Funcional (do trabalho)
 d. () Cedida (de favor)
 e. () Invadida (de invasão)

18 – A casa onde você mora é de:

- a. () Alvenaria (tijolo)
 b. () Barraco
 c. () Latão
 d. () Lona
 e. () Outra. Qual? _____

19 - Quantos quartos tem em sua casa? _____

20 - Quantos carros tem sua família? _____

21 – Número de empregados em sua casa (babás, diaristas, domésticas): _____

22 – Escreva a quantidade de eletrodomésticos que tem em sua casa. Se você tem um, coloque o número 1, se tem dois, coloque o número 2 e assim por diante. SE você não tem em casa, coloque ZERO (00):

- a. () TV (canais abertos)
 b. () TV a cabo (canais pagos)
 c. () Computador
 d. () Aspirador de pó
 e. () Micro-ondas
 f. () Impressora
 g. () Máquina de lavar roupa
 h. () DVD
 i. () Banda Larga (acesso à internet)

23 - Você exerce alguma atividade remunerada?

- a. () Sim, tenho emprego.
 b. () Sim, faço estágio.
 c. () Sim, desenvolvo pesquisa.
 d. () Sim, realizo trabalhos esporádicos.
 e. () Sim, sou autônomo.
 f. () Sim, outra Atividade. Qual? _____
 g. () Não desenvolvo qualquer atividade remunerada.

24 - Se você exerce alguma atividade remunerada, qual a sua renda pessoal:

- a. () Menos de um salário mínimo por mês (R\$ 510,00)
- b. () Exatamente um salário mínimo por mês = R\$ 510,00
- c. () Mais de um e menos de dois salários mínimos por mês (de R\$ 510,00 a R\$ 1.020,00)
- d. () Mais de dois e menos de quatro salários mínimos por mês (de R\$ 1.020,00 a R\$ 2.040,00)
- e. () Mais de cinco salários mínimos por mês (R\$ 2.550,00)

83 – O que é estágio para você? **Enumere de 1 a 5, em ordem de importância para você, sendo o número 1, o mais importante:**

- a. () É uma forma de conseguir meu próprio dinheiro e não depender dos meus familiares.
- b. () É um emprego remunerado para adquirir experiência profissional.
- c. () É uma experiência que prepara para o exercício de uma profissão.
- d. () É uma forma de conseguir dinheiro para ajudar minha família.
- e. () Não sei o que é.

84 – Você acha o estágio importante?

- a. () Sim
- b. () Não

85 – Se você acha que o estágio é importante, explique por que. Se você acha que não é, explique por que também:

86 – Você acha que o estágio deve ser obrigatório no ensino médio?

- c. () Sim
- d. () Não

87 – Se você acha que o estágio deve ser obrigatório para o ensino médio, explique por que. Se você acha que não deve ser, explique por que também:

88 – Você já fez ou está fazendo estágio?

- a. () Sim
- b. () Não

89 – Se você já fez ou está fazendo estágio, coloque abaixo os dados que se pede. Se você fez mais de um estágio, coloque os dados do último:

- a. Empresa: _____
- b. Ano: _____
- c. Quanto tempo durou? _____
- d. Cidade: _____
- e. Atividade Desenvolvida: _____

f. Quantos dias por semana: _____

g. Quantas horas por dia: _____

90 – Se você já fez ou está fazendo estágio, marque com um X os benefícios que recebeu (ou recebe), além do salário:

- a. () Vale e/ou Auxílio Transporte
- b. () Vale ou ticket Alimentação
- c. () Plano de Saúde
- d. () Férias
- e. () Nenhum

91 – Se você já fez ou está fazendo estágio, quanto você ganhava (ou ganha), sem contar os benefícios?

- a. () Menos de R\$ 200,00.
- b. () De R\$ 200,00 até R\$ 350,00.
- c. () De R\$ 351,00 até R\$ 450,00.
- d. () De R\$ 451,00 até R\$ 500,00.
- e. () De R\$ 501,00 até R\$ 600,00.
- f. () Mais de R\$ 600,00.
- g. () Sem remuneração.

